



A EXTRAORDINÁRIA VIDA DE JÉSUS GONÇA

Eduardo Carvalho Monteiro

DE RETORNO AO PASSADO

"Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a Lei"

Allan Kardec

(Inscrição no seu túmulo)

Corria o século IV d.C. Envelhecia o Império Romano. A incapacidade dos governos, a dissolução dos costumes, aliadas à infiltração de mercenários e bárbaros nas fileiras de soldados, levou a defesa do Império a depauperar-se.

Outro grave problema, que colaborou para o colapso de Roma, foi a crise do sistema provincial. A autonomia provincial retirou uma importante fonte de recursos da Capital, ao mesmo tempo que grandes parte dos impostos eram canalizados para fins improdutivo: enormes gastos em jogos. A pilhagem imposta aos vencidos rareava, já que quase a totalidade do mundo conhecido naquela época fazia parte de seus domínios. Vislumbravam-se tempos negros para os Impérios ameaçado pelas hordas bárbaras que se acercavam de suas fronteiras no Oriente.

Durante seu reinado, Teodósio I conseguiu fixar um desses povos, os visigodos, nos Pireneus (Às margens do Rio Borythenes) onde foram posteriormente elevados à condição de cidadãos do Império (387), enquanto que seu líder, Alarico, fazia carreira no exército romano, sendo promovido com honrarias e promoções pelo comando.

Cristalizava-se, então, a falsa idéia de que os bárbaros e, em particular, os visigodos constituíam em aliados contra possíveis ataques ao Império.

Com a morte de Teodósio, estes passaram à ofensiva, já sob o comando de Alarico, que assimilara as modernas técnicas do exército romano. Avançaram pela Península Balcânica com o objetivo de tomar Constantinopla, mas o príncipe Rufino, regente do Império Oriental, conseguiu induzi-lo a mudar-se para Dalmácia, intentando desviá-lo para o Oeste.

Na Dalmácia, Alarico e suas tropas iniciam a infamante carreira de conquistador. Onde quer que chegavam campeavam a morte, o terror e a destruição. A sede de conquistas não mais tinha limites. Devastadoras incursões levavam "gozo, o saque e a morte" às cidades, que uma após outra, sob o peso da espada de Alarico e experimentavam os gravames cruéis de sua alucinação guerreira.

Armaduras, lanças, capacetes de ferro, azagaias, dardos e flexas formavam o arsenal de Alarico. Do alto de sua liteira, bárbaro, encarnando a crueldade e a insensibilidade, parecia trazer consigo corcéis fogosos a sanha de distribuição que refervia em sua alma...

*Muitas vezes, Senhor, brandindo a espada,
Junquei o campo de amargosas dores,
Estendendo medalhas e favores
Sobre o sangue de presa abandonada,*

*A golpes vis, assinalei a estrada
Do meu carro de falsos resplendores
E, buscando lauréis enganadores,
Desci, gemendo, à sombra ilimitada...*

Ao terrível exército do caudilho tudo o que interessava eram as conquistas territoriais, riquezas, os estofos de seda e as especiarias. Escrúpulos, não os conhecia Alarico. Sua per reunia qualidades de grande líder e disciplinador, mesclados à prepotência e à perversidade.

O ano de 395 d.C marca o início da caminhada que empreende, disposto a subjugar Constantinopla ante fulminante ataque; é invadida a Grécia e saqueada a Ática, embo apreensiva, fosse poupada; capitula Corintos, Argos e Esparta, ante os golpes do rude guer exército de "condottiere"...

*Inda vejo, Senhor, de alma oprimida,
A Trácia devastada, a ânsia de Atenas,
Constantinopla em lágrimas e penas
E Roma flagelada e envilecida...*

Por onde quer que passasse, deixava em seus rastros a viuvez, a orfandade, em selvageria. Mesmo às cidades subjugadas. Alarico impunha seu requintes de maldade e de incendiando-as, promovendo os aleijões, ceifando vidas...

*Há séculos num carro de esplendores,
Minha vida era a angústia de outra vidas,
Estraçalhava multidões vencidas,
Coroando de púrpura e de flores.*

Era traço marcante de sua personalidade, a vaidade. Em nome desta mesma vaidad volver à Roma e conquistar o posto de comandante-em-chefe das tropas imperiais, cargo p havia sido preterido.

Porém, em seu caminho havia Estilicão. Filho de um chefe vândalo e que era casado sobrinha de Imperador Teodósio e tutor de Honório, herdeiro do trono.

Derrotado numa primeira investida, por Estilicão, Alarico atravessa o Golfo de Corinto, em 397 o Épiro. Feito governador da Ilíara, vende seu apoio alternadamente aos imper Ocidente e do Oriente.

Em 401, Alarico entra na Itália pelo Friuli e invade a planície padana...

*Outrora, à frente de conquistadores,
Num trono de fantásticas riquezas,
Despojando cidades indefesas,
Comandei o cortejo de esplendores!*

Estilicão, atento ao avanço do visigodo, derrata-o no Piemonte (402) e no Vêne Sabedor, porém, da ameaça que este povo representava para o Império, brindava-o com presentes a fim de mantê-lo afastado.

O mau interpretado zelo de Estilicão em defesa de Roma, sua ambígua relação com seu parentesco com a família imperial (dera duas filhas como noivas a (Honório) alimentara e suspeita de que ele estivesse almejando o trono. Assim, para posterior arrependimento s mandou matar o general temendo que ele se aproveitasse a situação crítica do Império para Coroa.

Com o seu maior oponente morto, Alarico fica com Roma à sua mercê. As disputa Impérios do Oriente e Ocidente, as tricas domésticas e fragilidades do Exército fizeram vulnerável, e Alarico, aproveitando-se do momento, leva seu povo de volta à Itália e em 408 primeira vez, Roma, só consentindo em retirar-se mediante vultoso resgate.

Sua intenção não era a de destruir o Império mas se apossar do ambicionado comandante das tropas imperiais além de obter territórios dentro de suas fronteiras, na regi Danúbio e Golfo de Veneza.

Em posição de superioridade, Alarico negociou durante dois anos a salvação da cidade que os romanos viviam em terror e em penúria de víveres...

Senhor, eu que vivia em vãos clamores,

*Vinha de longe em ânsias aguerridas,
Sob a trama infernal de horrendas lidas,
Entre largos caminho tentadores.*

*Tronos, glórias, tiaras, esplendores
E cidades famélicas vencidas...
Tudo isso alcancei, de mãos erguidas
Aos gênios tenebrosos e opressores.*

Como nada conseguisse com Honório, que se recusava a acordos, tornou a sitiá-lo e fez do prefeito da cidade, o grego Átalo, Imperador. Novamente procurou negociar com Honório, mas a esta altura havia se transferido com a corte para a África, celeiro do mundo, à época. De meses de negociações infrutíferas e dada à intransigência de Honório, Alarico cerca novamente a cidade e a 24 de agosto de 410 decide cumprir suas ameaças.

Antes, porém, quando o acampamento bárbaro ultimava os preparativos para invadir a cidade era inevitável, singular episódio viria modificar o rumo dos acontecimentos.

Encontrava-se em Roma, Agostinho, bispo de Hipona, que a exemplo da população sofria com as consequências trágicas da iminente invasão. A cidade movimentava-se com presteza, sob o comando de Alarico. Preparava-se a defesa de seus muros, mas como já poucas pessoas restavam de resistir ao ataque, buscava-se também as melhores formas de proteção às crianças e idosos para quando da consumação do fato. Corria, de boca em boca, os feitos de crueldade e sanguinária, depravada e sádica do guerreiro visigodo. Um mórbido silêncio caracterizava a cidade e a expectativa na cidade.

O bispo Agostinho, em dado momento, saiu pelas ruas a divagar sobre o acontecimento. Ao anoitecer já não se via a movimentação de antes mas o silêncio sepulcral era às vezes interrompido por gritos de desespero e alarmes falsos. Arriscada idéia sobressalta-lhe, então, o espírito inicial dá lugar a um fio de esperança na alma amargurada daquele homem do Cristo. Mesmo com o risco da própria vida, enveredou-se pelas colinas que levariam ao acampamento de lá pedir clemência ao chefe visigodo. Sabia que a ira dos visigodos seria inevitável, mas estava disposto a oferecer a vida em troca de uma restia de esperança para seu povo.

Bendita a fortaleza dos que crêem no triunfo do Espírito sobre a Matéria!

Embora a invulnerabilidade do exército do caudilho, eis-lo penetrando em suas hordas, o olhar estupefato dos soldados pela sua ousada intrepidez. E os soldados perplexos, súbito, com gritos alucinados e carregados de ódio de seu chefe, ao tomar conhecimento da ousadia do sacerdote:

- "Degolem-no! Degolem-no! Degolem o romano que ousou desafiar minha força! Degolem-no!"

- Mas, senhor, - ouviu de um subordinado - bem sabes que matar a um sacerdote significa o apogeu! Os soldados têm medo de suas pragas e por isso não lhe tocam!

- Estúpidos! Boçais! Quem pôs em suas cabeças essas baboseiras? Vamos, matem-no! Pendurem sua cabeça como troféu! - aduziu o general bárbaro, aguçado por um ódio injusto contra os guerreiros, sem a devida coragem para dar o golpe de misericórdia naquele "pobre" que enxovalhava seu rosto com cusparadas, ofendendo-o com os mais execráveis improperios. O sacerdote odiavam-no. Agostinho, porém. Irresistível em sua fé, prosseguia em direção à tenda do chefe visigodo.

Frente a frente agora, os dois aguardavam a acomodação da turba. Em pouco, apenas comentários ainda se escutavam. Os olhos de Alarico, chispados de ódio, estão fitos no sacerdote, contrastando com o olhar doce e sereno do sacerdote.

Havia algo naquele olhar que o poderoso guerreiro não conseguia explicar: o mistério. Frente às atitudes incíveis da soldadesca, Agostinho, longe de se chocar, cumprimentava-os com um sorriso sincero, rebuscando nos arquivos das melhores lembranças que trazia.

Alguns se destacavam da turba e vinham como a farejá-lo. Abeiravam-se de sua figura que contrastava com a mitra de bispo e se esforçavam por entender a razão de tamanha coragem, sim, para alguns, embora à grande maioria não passasse de ousada afronta. Nem um, entretanto, imaginava quem era esse Agostinho.

Gênio raro, dignificou o sacerdócio cristão e surpreendeu o mundo da época, quando surgiu luminosamente com a carreira de glórias e fama que delineava para si, para optar pela porta estreita da salvação. Abraçara o ministério de Jesus, afastando-se conscienciosamente das comodidades efêmeras do poder material e da sensualidade pecaminosa. Até aquela época

houvera sido de empenho à instrução catequética de futuros batizados, às obras da direção espiritual das comunidades por onde houvera passado. A diligência com que tomava proteção aos pobres, a firmeza com que se embrenhava na defesa dos fracos e oprimidos, a coragem com que se enfrentava as poderosas autoridades, procurando respeitar o direito de asilo, não o impedia de também cuidar do povo de sua fé, brilhantes dissertações filosóficas que até hoje permanecem atuais e no mundo cristão.

E Alarico não conseguia resistir. Embora o desejo de avançar, espada em punho, e colado à audácia do guerreiro do Cristo para salvar sua imagem de líder duro e implacável, o "cego" permanecia estático e sem reação ante a surpresa do acontecimento. Assim como seus olhos não sentiu que todo seu aparato bélico e sua experiência de guerreiro de nada valiam, ante a sua fé moral de alguém que, com sua fé inquebrantável, lutava por uma causa justa.

O encontro foi rápido e incisivo. Não poderia haver troca de amabilidades e sequer diálogos. As línguas que falavam eram diferentes: um a do amor, outro a do ódio.

- Augusto guerreiro Alarico, comandante-em-chefe das bravas fileiras do povo visigodo, que poderia contar com a compreensão e generosa paciência que exornam de tão nobre caráter, tomei, por decisão, dirigir-me ao teu acampamento, portando inadiável e importante o interesse da cidade de Roma...

- Passe logo ao assunto que o traz aqui, miserável, pois o tempo de que disponho para não perder ante um inimigo de meu povo! Você, seu verme, deve ter perdido o juízo por tomar a decisão de vir aqui em nosso reduto! Fale, miserável, o que deseja? Oferecer-me ouro, prata, sedas? Pois fique sabendo que seu rei, Honório, não aceitou minhas propostas de negociação. Portar-se mesmo que tenha ele voltado atrás em sua decisão, meu povo já tomou a sua: arrasar a Roma e mostrar a essa corja de imundos quem é o rei do mundo: Alarico!

Agostinho, nesses instantes de comovida compaixão, confrontava a insensibilidade do "cego" com as lições preciosas do Mestre: "amai-vos uns aos outros como eu vos ameí"... "a espada fere, pela espada será ferido"... "perdoar, não sete, mas setenta e sete vezes" e subitamente, relanceando o olhar em derredor, pôde observar uma gama de Entidades Espirituais que procuravam irradiar vibrações de paz e de comprometimento na tela mental do guerreiro! Imediatamente vislumbrou de desesperança e melancolia, que lhe penetravam nas fímbrias do Espírito, transbordando-se em melodias de esperança e em irrepreensível confiança de que aquele ser, ainda em sua condição espiritual, haveria de compreender a razão de sua súplica.

Uma ternura infinita se lhe transbordou d'alma... transformou o ímpeto em realidade, se genuflectiu e súplice aos pés do verdugo:

- Vê Senhor, a difícil tarefa em que encontro. Rojado a teus pés e colocando o corpo e as palavras que te dirijo, venho, não fazer um acordo, como poderias esperar, mas ofereço-te a insignificante existência em troca de uma moderação na invasão à nossa cidade...

- O que estás dizendo, repugnante sacerdote? – replicou, rangendo os dentes o comandante visigodo – então, acreditas mesmo que eu, o grande general, trocaria a vida de mim mesmo que para mim nenhum valor tem, pelas glórias da conquista da cidade-berço do mundo, sabendo que lavaremos com sangue do teu povo as alamedas que aclamarão a chegada do meu exército. Saiba que aqueles que se opuserem à nossa entrada na cidade haverão de sofrer as mais cruéis torturas e sentir o peso de minha espada. Apodrecerão nas prisões os que se recusarem a reconhecerem os visigodos, legítimos detentores do trono da Terra. Suas vias suntuosas terão que estar rompidas para os romanos para saudar o grande general Alarico, e não haverá um só romano que não será humilhado e vilipendiado. Suas mulheres serão nossas mulheres e suas crianças, cedo, serão para servir ao povo visigodo. Os habitantes orgulhosos desta cidade, que foi ingrata com o grande general que lhe pisou o solo, rastejarão como vermes a implorar clemência ao que deverão reconhecer como o legítimo comandante-em-chefe de suas tropas! Está, pois, desgraçado sacerdote, esse o futuro da tua cidade podre!

Abalado ante a rudeza do verbo guerreiro, mas não menos confiante no sucesso de sua missão apoiada, naqueles momentos pela presença marcante de Protetores Invisíveis, não repressa a sua fé sinceras e comoventes que lhe caem abundantemente.

Meritória é a tarefa dos que se sacrificam em benefício de seus irmãos em humanidade. Naqueles instantes, de um lado estava o poder despótico dos que se julgavam infalíveis e se orgulhavam em receber os louros ilusório das dominações transitórias; de outro, a sagrada expressão da sabedoria, refletidos na consciência liberta dos entraves da cobiça e do desrespeito à individualidade de seus semelhantes.

- Senhor – dirige-lhe a palavra Agostinho – não é minha intenção, nem a de meu povo

ou ir de encontro à supremacia militar de teu Exército, que é notória a todos. Apesar sabemos, desde a partida de nosso Imperador para a África, Roma se encontra desguarnecida pés. Por isso, em nome do Cristo, que me inspirou a vir ter com o general, em nome de Deus

-Deus? – replicou raivosamente Alarico – Como ousas falar em outro Deus que te go sou teu Deus e outro Deus mais poderoso jamais em tua vida estúpida conhecerás... Compre sou Deus e não admito que venhas ao meu acampamento insultar-me a assacar blasfêm mim. Ninguém é mais poderoso que Alarico, que em breves dias se apoderará da cidade o mundo, a única que ainda lhe falta conquistar. Eu sou a lei, eu sou Deus, eu sou o grar que Roma aclamará e adorará.

E o diálogo prosseguia, alternando-se entre as frases ríspidas de Alarico e hu submissão de Agostinho, que lutava para penetrar naquele coração dominado pelo ódio desesperadamente conseguir a misericórdia do caudilho.

- Ilustre guerreiro Alarico, não foi intenção deste pobre e insignificante operário do magoar ou ferir a honra daquele que todos reconhecemos na imagem de um grande general, seu nome gravado na História! Se acaso te feri com minha insolência, própria daqueles percorrem as sendas da imperfeição e do pecado, rogo-te que me perdoes, pois, de agora, procurarei vigiar minhas palavras para que não venham ferir ou ofender-te novamente...

Alarico e seus soldados permaneciam, agora, mais do que nunca, estáticos diante reação que ainda não conheciam: ante o dobrar do orgulho, palavras de perdão brotadas do coração! Realmente, a uma gente habituada a lavar a honra manchada por pequenas desas duelos mortais, essa era uma atitude digna de espanto!

A turba, que se acalmara, ligeiramente, entreolhava-se com estupefação, mas o silêncio cortado pelos gritos de "covarde", "covarde", "luta, queremos a luta", "enfrente um de nós,

Não compreendiam eles a dignidade de um gesto cristão. As vulgaridades empanam a homens envoltos no desconhecimento das Leis Espirituais e o espesso véu da matéria empicilho para o descortinar da luz em suas trajetórias.

- Não pretendendo molestar V.Excia, por mais tempo, prossigo na minha explanação. o povo de Roma pedem clemência, ó grande general, e recorrem à tua misericórdia para poupe ao saque indiscriminado, ao negror das humilhações e nossas mulheres e crianças, às ardentes a nossos lares e templos e nos indulgencie de possíveis falhas com relação a tua pes

- Indulgência? Clemência? Perdão? Como podes rogar perdão à cidade que não me general e vem me dizer como devo agir nas batalhas? Quem é tu, ignóbil criatura, para a ditar normas a um general visigodo? Como ousas? Pois cala a tua boca suja e não pronuncies baboseira sequer, se não quiseres ficar sem tua língua. Eu te ordeno que vás e diga ao po que espere para saber quem é Alarico, o general que não quiseram para seu Exército arrependerão, então, amargamente pelo desprezo com que fui tratado!

O diálogo encerrou-se ali e Agostinho, sujeitando-se novamente aos ultrajes e des multidão ímpia e fanática, retomou o caminho de volta, de alma sôfrega e amargurada, agril sofrimento e já antevendo o furor da ira com que Alarico se arrojará sobre a cidade à sua m

Entretanto, suas palavras inspiradas, a sublime serenidade ao enfrentar tantas humill exemplo de humildade refletido nas súplicas veementes dirigidas ao "condottiere", haviam o instalar na alma do guerreiro uma réstia de misericórdia. Nos dias que antecederam à invasi e as palavras do sacerdote não saíam da mente do guerreiro e ecoavam-lhe n'alma d perturbadora. A primeira reação foi a de desligar-se do ocorrido e comandar os prepar entanto, mal compreendia ele que o Sacerdote da Caridade, em suas fervorosas preces, p sua faixa mental e o episódio entre os dois permanecia límpido e recente.

Tateando entre as barracas, pensativo e visivelmente transtornado, debati-se para libe fantasma da influência que o episódio provocara. As marcas impressas no espírito de Alarico suficientes para impedir o vandalismo do saque à cidade, porém, frutificaram em comedimento e respeito aos Templos Cristãos que não foram sequer tocados pelos visigoc romano, não entendo o que se passava diante da moderação do exército inimigo, logo que p situação, foi buscar proteção naqueles Templos que nesses instantes eram procurados até me pagãos.

A extraordinária reviravolta dos acontecimentos, muito embora não tenha evitad devastação da cidade, era o troféu haurido por Agostinho, o soldado de Cristo que ousou intrepidez, desafiar a força física do exército de vândalos e fez-se sobrepujar mediante as morais de espírito.

Mas Alarico não permaneceu muito tempo em Roma. Fascinado pelo poder, pretendia

de misericórdia no Império. Dirigiu-se para o sul, chegando à Calábria, intentando África. Sua frota, no entanto, foi dispersada por tempestade e Alarico morreu pouco depois em Cosenza. Seus soldados, para evitar a profanação de seu túmulo, enterraram-no no local do Basento, matando posteriormente os escravos usados para desviar o rio a fim de não revelar o local do sepulcro do guerreiro.

* * * *

Alarico, pouco tempo após seu desencarne, desperta os sentimentos na Vida e com a visão do Além inicia a reeducadora trajetória de padecimentos, consequência espiritual de uma alma primitiva que perpetrara tantas ignomínias em sua ambição doentia. Angústias, visões terrificantes das vítimas a cobrarem-lhe ações em vida formavam o quadro de sua estada na zona compacta de trevas. Tornou-se necessário descerrarem-se os conhecimentos espirituais para que fosse chamado à realidade da Vida Imortal.

Inevitável foi seu mergulho nos infortúnios morais impostos pela colheita da "miséria luto", que semeava em vida...

*Depois...infernos, atormentadores,
Braseiros vivos, maldições acesas,
Ligado à angustia de milhões de presas,
Apunhalado o peito por mil dores...*

Indescritíveis sofrimentos marcaram a passagem do guerreiro pela penumbra das umbralinas. O passado, pesado e sombrio, arrancava lágrimas do réprobo que suplicava oportunidade na esfera carnal. Transgredira incontáveis leis da vida e agora se colocava com própria consciência. Neste tribunal não há possibilidade de erro. Cada qual armazena nos seus memórias os atos praticados na carne e a resultante virá em forma de recompensas ou sofrimentos a serem suportados.

Ninguém se vincula à situação por acaso, e esse acaso também não existirá quando os atos praticados tiverem que ser apreciados. Os Estatutos Divinos nos previnem de que a semeadura e a colheita é obrigatória e com Alarico não poderia ser outro o panorama.

Buscava ele agora, no Plano Maior da Vida, a mercê celestial que lhes permitisse em jornada terrena, necessária ao lumiar de seu espírito transviado dos verdadeiros objetivos da vida.

O arrependimento viera, é certo, mas a gama de tendências inferiores ainda estava arraigada na essência da sua alma.

Mesmo diante de semelhante quadro, as leis sublimes do Eterno Legislador não negam chances de reparação a seus filhos. E Alarico inicia a operação de retorno às lides físicas, a qual se subordina às necessidades de burilamento de seu espírito; por pedido seu e com a colaboração das Esferas Espirituais, é-lhe permitido volver à gleba terrestre no seio de seu próprio povo.

Protegido por um dispositivo da Grande Lei, em retomando o envoltório carnal, vai reencarnando perdendo lentamente a faculdade de recordar seu passado, providência esta que constitui em mais uma dívida do Criador, apiedado dos sofrimentos que se abateriam sobre a criatura conhecedora de seus tenebrosos passados.

Reencarna, assim, na roupagem de Alarico II. Investido nos mesmos poderes de sua existência pretérita, não consegue, ainda desta vez, refrear as inclinações ambiciosas de seu caráter fazendo por sucumbir as promessas de redenção consignadas no Plano Espiritual.

As guerras e as conquistas territoriais continuavam sendo seu móvel principal. Muito e conservasse mais, em grau tão marcante, os traços de crueldade com que na existência anterior grafara páginas negras na História Universal, ainda assim continuava governando pelo poder do terror.

Oitavo rei dos visigodos, sucedeu a seu pai, Eurico, em 484. Seus domínios abrangiam (exceto a Galiza), a Aquitânia, o Langueiro e a Provença Ocidental.

Embora cristão ariano, como o pai, atenuou as perseguições aos católicos, sendo bastante complacente com estes do que fora aquele. É de sua autoria o código "LEX ROMANA VISIGOTICA", também conhecido como "BREVIARUM ALARICIANUM", oficializado no ano de 506.

Alarico II tentou manter o pacto que seu pai firmara com os francos, mas Clóvis, no fim, transformou o cristianismo dos visigodos em pretexto para guerra.

Na batalha de Vouillé, travada em 507, perto de Poitiers, perde a vida Alarico II pela Clóvis e Aquitânia é incorporada aos domínios francos.

A próxima encarnação, que se conhece desse Espírito, passou-se na França do s quando esteve na roupagem carnal de Armand Jean du Plessis Richelieu, mais conhecido cor Richilieu. Volveu a este plano a 9 de setembro de 1585, sendo seus pais Francisco Du Peles De La Porte. Um dos mais notáveis estadistas franceses do regime monárquico, foi odiado e todas as camadas da sociedade.

Defendeu o absolutismo real e contribuiu para grandeza da monarquia. Represent como bispo de Luçon em reunião dos Estados Gerais, em 1614, Auxiliar de Luiz XIII desde 16 Cardeal em 1622, e dois anos após, elevado ao cargo de primeiro-ministro. Por 18 anos fo homem mais poderoso da França, incluindo-se o rei, como também o árbitro da política europ

Intransigente defensor do Estado, Richilieu tinha como princípio: "O homem é ir salvação está no outro mundo; o Estado não, sua salvação é agora ou nunca".

Sob este princípio esmagou as resistências na área de administração pública e propor povo francês, ignominiosos espetáculos de sangue com a decapitação de inúmeros oponente governo.

Sobre esta passagem na terra transcrevemos pequeno trecho obra "Sublime psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco e ditado pelo espírito de Vitor Hugo em qu o próprio relato por via mediúnica, informa:

- Esclarece-me que vocês estiveram juntos nos tumultuosos dias de França agitada c XVI e XVII, quando ministro de Luiz XIII e um dos responsáveis diretos pela guerra dos trinta seu quarto período, o francês), ele, na indumentária de Richilieu, oferecendo apoio secreto c de Casa de Áustria, resolveu definir-se, por fim, publicamente contra o que facultou francesas de Friburgo e de Norlinga, obrigando, em consequência, a Áustria a assinar o Tratado de Paz de Vésfália...

Arruinados pelo ódio entre protestantes e católicos que deram início à calamitosa hec partir de 1618, os países beligerantes ficaram em dolorosa miséria, especialmente a Alemanha muito sofreu...

Naqueles dias – continuou esclarecendo – a figura do nefando sacerdote estimulava as do Cardeal, que colocara Deus na condição de francês, num zelo abominável e terrível, fanatismo usava as mais terríveis armas para sobreviver, em detrimento de todos os ideais h França, em razão disso, pagaria, no suceder dos tempos, pesado tributo de dor. Este sace vivera na sombra, caracterizado pelo fervor religioso, na sua fidelidade a Richilieu, conseguir adquirisse o chapéu escarlate e o manto de púrpura..."

Doente, com o corpo tomado por tumores de diagnóstico desconhecido, o braço paralisado, a saúde de Richilieu, que nunca fora boa, debilita-se a tal ponto que mal conseguiu se do leito do Palácio Real.

Aos quatro de dezembro de 1642, data de sua morte, suas últimas palavras foram: "Meus inimigos foram os inimigos da França".

E prossegue este espírito em sua marcha evolutiva rumo ao Reino do Pai. A veneração à Pátria obscureceu-lhe a visão e empanou uma carreira que se delineava das mais pr Certamente, este devotamento conceder-lhe-ia méritos perante a Justiça Divina, no entanto, ele penetrar no real valor do amor ao Criador.

Disse Jesus que o maior no reino de Deus seria aquele que se convertesse no servidor Este espírito, embora em ascensão, tomara por princípio servir à Pátria e em nome da Pátria crimes hediondos. Amenizara em si as inclinações ambiciosas da dominação do poder pela ainda carregava dívidas das insânias cometidas em outras vidas.

Agora, novamente no Plano Espiritual, remexia em suas reminiscências as conseqüências de outro naufrágio sofrido. Chafurdara-se no lodo da ambição e deixara-se envolver no rede n paixões humanas, desviando-se dos deveres sagrado do sacerdócio cristão que abraçara p usurpara dos poderes de líder em que se vira investido.

Um turbilhão de remorsos atordoavam-no e de memória emaranhada nos espirítos pretérito, rogava alívio às feridas dolorosas incrustadas no coração. A solução, bem o sabia, na retomada de novo corpo, porquanto somente o palmilhar de outras existências teria permitiria reencetar o aprendizado das Leis Divinas. Seria preciso curar velhas enfermidades do Espírito, vencer apetites mudanos e domar interesses mesquinhos.

Ademais, pesava sobre si a carga dolorosa das carnificinas, dos saques, das trações flagrantes desrespeitos à vida humana que marcaram sua passagem pelas hostes bárbaras

urgiam ser resgatados.

Considerando o quadro das necessidades espirituais dessa Alma, duas reer compulsórias foram-lhe impostas para expurgar os delitos inscritos no Livro da Vida.

Por duas vezes retornou ele, pela misericórdia do Senhor, com o corpo envolto pe purulentas da hanseníase.

O abençoado resgate de seu passado trevoso constituía-se num sublime mecanismo Reencarnação, ainda tão incompreendida pela humanidade. É na dor e no sofrimento que en o cadinho onde se purificam os sentimentos humanos, mas que os homens ainda estão compreender o processo.

Por isso, recebeu o guerreiro de outrora a lepra, a temível e excrável lepra, por santo sua lama rebelde, fornecendo-lhe, a um mesmo tempo, sofrimentos cruciantes ao decomposição e amadurecimento espiritual à sua alma transviada.

O desprezo, o escárnio, o abandono e a repulsão da sociedade faz com que as dores (lepromatosas sejam relegadas a segundo plano, face ao impacto da humilhação que os deste mal sofrem. Infelizmente, o ser humano, trânsfuga das Leis do Supremo Legislador, ai dos suplícios físicos para aprender a administrar o livre-arbítrio que lhe é concedido, e a € inclinações na direção das realidades nobilitantes.

Por isso, mil e duzentos anos depois, esse Espírito ainda prestava contas dos horrenc praticados nas jornadas de terror que comandara como guerreiro bárbaro. Os efeitos das to impunha às suas indefesas presas, os incêndios desnecessários às cidades subjugadas, os viuvez, a orfandade que promovera em suas dominações sanguinolentas refletiam-se a manto de feridas " que abrigava sua alma enfermiça.

Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo, disse Jesus, e cumpria-se, trajetória deste Espírito mais duas etapas necessárias a seu burilamento.

Compreendera ele, agora, em seu retorno ao Plano Maior da Vida, que toda a posse efêmera, e que Jesus não se equivocara quando nos exortou a cultivar os valores do Espíri estes que os ladrões não roubam e as traças não corroem. Mas também a respeitar o corpo, divino que nos é emprestado, conscientes de que dele devemos prestar contas ao Todo Po seu usufruto.

Aprendera que a passagem pela Terra é qual minuto na eternidade do tempo e que, atos neste minuto na eternidade do tempo e que, de nossos atos neste minuto pode d felicidade ou a infelicidade porvindouras.

Recebera ele, nos enconsos de seu coração, as lições sublimes do Mestre dos Mestr elas edocicava seu carácter e redimia-se do tenebroso passado que fazia "leproso" seu Espírit

Em aparente calma, prosseguia a estada do guerreiro visigodo no Plano Espiritual revestido de funções edificantes que sua evolução permitira abraçar na rotina do trabalho, acalentava projetos de retorno ao Plano Físico. Os Assistentes Espirituais na Colônia que o a lhe haviam notado as preocupações, mas segundo o programa de serviço traçado, seu estágio Colônia ainda deveria prolongar-se por mais tempo.

Em contato com as realidades da Verdadeira Vida, todos se revestem dos mais puros regenerativos, mas muitas vezes uma precipitação pode provocar uma derrocada e por i: aguardava submisso uma decisão superior.

Decorrido certo tempo, em que se dividia entre serviços de atendimento e evangelização, o Espírito é comunicado de que o Benfeitor, responsável pela Colônia, apre: em vê-lo.

O recinto em que foi recebido era confortável e exalava doces vibrações de sua imantadas pela prece. O Benfeitor Espiritual de expressão dúlcida e amorosa, aproximou-se e envolveu-o em afetuosas vibrações de carinho. O semblante do guerreiro, carregado pela i: em instantes desmanchou-se em recíproca doação de amor fraterno.

- Prezado irmão - iniciou o mentor - conta-se que, ao ser criado o mundo e seus l pouco satisfeita com sua condições de inferioridade, uma avezita pediu uma audiência ao Se e lhe falou de suas desditas: - "Venerável Senhor, sou do mundo dos menores seres que cr isso me constituo em presa fácil aos outros habitantes da floresta; é-me custoso alimentação, porque as melhores plantas e ervas, os animais mais lépidos me subtraem; mui distraída, mal consigo fugir às patas assassinas dos leões ou dos cavalo; enfim, Senhor, n receber o benefício dos raios solares porque a vegetação me cobre, e quando da me cobre, da época de chuvas, a enxurrada deixa à mercê meu corpo frágil... e assim sendo, Amoráv pedi-lhe essa entrevista para dizer-lhe das minhas mazelas e contar como é pesada a mi

logo eu, que sou um dos menores seres que criastes e já carrego tão pesada cruz: ombros...rogo-te, Senhor, dá-me a solução para tão duras provas!" E o Senhor da Vida, com compassivo e terno, compreendendo as preocupações da ave súplice e humilde, lhe diz:

- "Um pai que ama e quer bem a seus filhos procura favorecê-los com os melhores roupagens necessários para sua apresentação no Teatro da Vida; este Pai desvelado nunciou em ombros frágeis cruz impossível de ser suportada portanto assumiu o envoltório corporal que por dádiva celeste e em retornando ao prado de onde vieste, procura levar tua cruz com harmonizando-a ao teu corpo frágil e gracioso, e concluirás que da maneira com que adas a cruz a ti mesma, dependerá a tua felicidade ou infelicidade!"

- A pequena ave, muito embora tivesse saído mais aliviada, não compreendeu a profunda lição, mas voltou para seu sítio e lá continuou sua vidinha apreensiva, marcada pelos costumes. Por medida de precaução, procurava sempre ela pequenas elevações para protossíveis enxurradas...mas, nesta ocasião, as chuvas foram tão fortes que mesmo naquele refúgio então seguro, vias-se ameaçada...Desesperada ante o iminente perigo, e tendo esgotado suas forças, arrastando-se pelo chão...eis que, instintivamente, ergue suas asas e percebe que estava se elevando do chão! Protegida já nos ramos de um arbusto, passa a ouvir as palavras do Senhor da Vida e percebe que suas asas formavam a própria cruz de que se lamentava, e que bastou aprender a conviver com ele para que se tornasse um dos habitantes livres, alegres e belos que a floresta jamais tivera!

Permanecia, o Espírito de Alarico, embevecido ante as lições recebidas e a ternura do Amável Benfeitor transmitia através da conversação. Indizível bem estar interior percorria-lhe anunciando abençoado desfecho para a entrevista.

- A dor, - prosseguiu a Entidade - que nem sempre sabemos carregar, pode tanto trazer-se no suplício daquela ave rastejante, como na cruz abençoada que a promoveu a um dos exemplares da floresta! Infelizmente, o homem ainda não está preparado para entender a natureza do sofrimento, nosso abençoado companheiro. Os cientistas, os médicos, os curandeiros esforçam-se em aperfeiçoar os lenitivos para as dores humanas, utilizando-se desde as mais sofisticadas técnicas cibernéticas até a simplicidade das ervas, no entanto, o mais alto grau que atentarem com suas técnicas, será apenas um paliativo, porque combaterão apenas os efeitos. As causas não são atingidas. As verdadeiras causas, que estão alojadas no Espírito, poucos as compreendem e a Terra, a cujos limites estamos vinculados, bem o sabeis, é um campo de provas e Resgatar um passado culposo significa aproximar-se de Deus e, à medida que dimana desse desejo, vemo-nos irresistivelmente presos às raízes de nossas angústias que dificultam a marcha ascensional. Urge, então, renovar valores, cicatrizar feridas, promover reconciliação de tudo, grafar indelevelmente no mais profundo de nossos corações a lição do amado e de outros. Sob a luz desta verdade, aprenderemos a viver mais cooperativisticamente, substituímos as competições aviltantes, traições noctíferas por confiança mútua, amor desinteressado e nobilitantes.

A Entidade, que era da Colônia o Espírito de maior elevação, demonstrava ao longo da explanação as venturas que haure um Espírito renovado no monumento indestrutível das suas vidas, referindo-se à seqüência, projetando na tela mental de Alarico suas encarnações no seio do povo, referindo-se às vidas de réprobo, odiado e temido que escolhera para si, ocasionando o ódio vinculadas a torrentes de pranto. Falou em Deus, rememorando a encarnação como francês; "para mim existem dois deuses: Deus e a França!"

O Espírito, acrisolado pelo sofrimento da rememoração de angustiantes fatos, a tudo e a todos, com emoção contida. Estampado estava em seu semblante o fantasma dos quadros repulsivos que trazidos à tona. O fogo do remorso, camuflado que estava pelos trabalhos, dignificantes no amor, apenas ligeiramente se lhe registravam no âmago da alma, porque, desde há muito, consciente de que seria imperioso o chamado ao complemento de resgate do torvelino insidiosas e desatinos que mil e quinhentos anos de múltiplas encarnações não haviam sido capazes de reparar!

Prosseguiu o Digno Mentor dissertando sobre as chances recebidas por este Espírito, suas experiências dolorosas, assim como a renovação, sorvida graças à dádiva das sucessivas vestidas os trapos carnaís.

- Em vista dos créditos morais conquistados e da disciplina ao trabalho redentor que aqui nesta Casa de Assistência, quero informar-te de que está sendo preparado teu retorno ao prado. Ademais, a constância da oração com que tens orvalhado tua alma varou distâncias incomensuráveis e encontrou eco em um coração amigo que há séculos te é grato; e mesmo das paragens que habita, dirige-te carinhosas vibrações de amor. É o Espírito de Agostinho, que cer

magnitizou-te com olhar, no episódio distante da queda de Roma, e que gra complacência, que surpreendeu a todos, diga-se de passagem, pôde ver o saque à cidade at os Templos Cristãos respeitados. É a Lei do Amor e da Gratidão que vence o tempo sentimentos puros e sinceros, retirados da acústica da alma dos justos. Muito embora a t Tempo, este abnegado cirineu que amou a Humanidade em toda plenitude e entendimento, de tuas preces sinceras para construir uma ponte socorrista e com seu braço fraternal obter oportunidade de reencarnação, que teu coração suplicava. A Lei de Deus reserva aos que a erro e rogam oportunidade de compensá-lo, um luzeiro traduzido na benção da tomada de n O Pai sempre assiste àqueles que se detêm nas transgressões à Lei, e vibra no limiar da no espíritos arrependidos. Este então sente, dentro de si, a doce presença do Hóspede sempre que porta consigo a paz que estivera adormentada e eclipsada pelo caudal de lágrimas qu desesperação. Agostinho, desde há muito, sem que o soubesses, tem sido o anjo tutelar que quando a dor te atinge nas dobras do caminho.

Alarico, surpreso, tinha os olhos abundantes de lágrimas ao tomar conhecimento da dedicação que este Espírito, da mais alta expressão hierárquica, lhe devota. E em profunda i aos olhos d'alma abrem-se-lhe as portas do arquivo mental permitindo a ele reviver a pa sua peleja em minudências, com o então bispo de Hipona. Respeitoso silêncio se fazia no mas o Venerando Orientador logo o interrompeu:

- Desde já, portanto, às tuas tarefas normais de socorro nesta Colônia, será acr preparação ao próximo renascimento na Crosta Terrestre. Estás, segundo sindicância já pronto para retificar os caminhos percorridos e reencetar a luta pelo ressarcimento de teus pretérito. No entanto, devemos prevenir-te das provas por que passarás. Faz-se mister, em cercear as tendências imanentes de teu Espírito e, para tal, te será imposta nova vestimenta chagas, pela qual procurarás dominar tuas características rebeldes: pois que, sem esta mis providência, mais uma vez, te lançarias às aventuras das dominações desenfreadas. O mapa traçado indica que milhares de vítimas que fizeste em teu desvario guerreiro, as mutilações que perpetraste contra teus inimigos, a sanha injustificada das conquistas efêmeras, as in direito alheio, as traições, as arbitrariedades, os assassínios em nome de ideais, espúrios, deverá ser reparado por entre torrentes de lágrimas no catre da lepra redentora! Por ora, c do esquecimento irão apagando de teu arquivo mental as lembranças das existências passac estas, como sabes, estarão sempre incrustadas em teu organismo perispiritual. O caval dirigia o carro da guerra, dizimando famílias, dilacerando corações após suas pegadas sangui o opróbrio que, fascinado pelo poder, transformava aldeias em fogaréus, em nome idiossincrasias, de seu ódio, de suas paixões e que não deixava em sua passagem sei fumegantes, pastos crestados, marcando-lhe a jornada de degradação histórica, viverá, r vida, sob o guante das conseqüências e reações de seus atos. Quando não trilhamos a estrai leva ao Pai pelo amor – o caminho mais curto – sobrevem-nos, então, a dor. Tuas evolução permite, valorizar os tesouros dos laços familiares, por isso passarás, inicialmente, pelas orfandade e da viuvez para que se vejam reabilitados teus antecedentes cruéis nesta área.

Apesar da doçura com que eram proferidas as palavras, estas repercutiam de forma e em suas lembranças. Embora a necessidade das rememorações, o pranto rolava-lhe do re ser. O Mentor notou-lhe a emoção, mas considerava-a positiva, pois provinha do arrep sincero de um coração amargurado.

- A teu mando – prosseguiu – milhões de açoites erguiam-se, abrindo feridas, membros, promovendo aleijões, desconjuntando corpos. Aniquilastes a alegria de viver de c cidades, levando a apreensão e terror à simples aproximação de tropas.

Para o resgate de tais violações receberás as Artes por ferramentas, que te compensar o terror de outrora pela alegria do divertimento compensar o terror de outrora p do divertimento sadio que proporcionarás aos povos das cidades em que habitarás. Poré receberás de forma facilitada, não, porque não haverão facilidades para ti.

A Espiritualidade estará assistindo teu reeducar e colocará em teu caminho as opor mas competirá a ti aproveitá-las ou não. A tenacidade e dedicação ao trabalho que tens der certamente, te levarão do berço pobre, em que reencarnarás, a uma posição estável e à fo um Lar, pois, por impositivos da Lei de Ação e Reação, reencontrar-se-ão tu e antiga compar as mesmas necessidades reencarnatórias.

O Lar feliz e a vida próspera irão durar pouco tempo, o necessário para receberes n espíritos que trilharam muitos passos contigo e necessitam de orientação certa e segura qu proporcionastes em outras vidas.

Curto é o compromisso da Alma que será tua companheira, por isso, cedo, enviuará

te, à guarda, os filhos pequenos. E, em vista dos débitos a resgatar, não darão adversidades.

Em teu tecido espiritual estarão inoculados os bacilos da Hanseníase, que deflagrar estiveres no verdor de tua juventude e beleza. A doença será, então, tua abençoada companheira ao fim de teus dias. De jovem belo e requisitado da sociedade, ver-te-ás como um ser deslumbrado por todos.

Enquanto o "mal" estiver corroendo teu corpo lentamente, teu Espírito estará sendo enriquecido pelas lições da humildade e da resignação. A vaidade e o orgulho, traços marcantes de tua personalidade, estarão sendo substituídos pela submissão e simplicidade. Ser leproso (Na época, ainda não havia a terapêutica da sulfona que significa cura total ou estagnação da doença e por isso os doentes sofriam a discriminação e a segregação da sociedade. Hoje, sabe-se que é uma doença benigna e de improvável contágio.) significa ser abjeto e desprezível. A humanidade progrediu tecnologicamente, mas ainda, desde, os tempos bíblicos, procede da mesma maneira: expulsa e despreza os doentes, cultivando o fantasma do contágio e ignorando que nem sempre são doenças contagiosas. Sempre sintomas se referem à mesma doenças. Sofrerás amargosos padecimentos, os teus dias faltarão e a Lei te dirá: não poderás votar! Não poderás ter filhos! Não poderás viver em liberdade. Serás confinado aos limites estreitos de um Hospital para que possas aprender a controlar a voracidade de conquistas territoriais. Aprenderás, lá, a valorizar o corpo que te é emprestado pelo Sublime Legislador, a respeitar o direito do próximo e, vendo-se separado do convívio social, valorizarás também a instituição familiar por sagrada dádiva divina. Entre os companheiros de teu exílio, teus velhos comandados, que também mereceram a oportunidade de regressar à terra, aprenderás a ser construtiva na Terra, recapitulando as lições não aprendidas. Reconhecerão logo, em ti, seu antigo líder e dessa situação deverás tirar proveito, para recambiá-los ao Aprisco do Senhor. Injúrias, humilhações, traições, além dos suplícios físicos, completarão o quadro expiatório que te aguarda no Orbe Terrestre.

Não demorará muito para que a Humanidade descubra o processo de cura da doença e tu poderás ser beneficiado por ela, porque necessitas apagar nódoas do passado trevososo que te cercam.

O visigodo escutava o Mentor, humilde e silenciosamente, mas a dado instante perguntou em que nação deveria ele retornar à Vida Terrestre. O Mentor, observando-lhe a mente, respondeu-lhe amorosamente:

- Receberás por berço, no mundo, um lugarejo na Pátria do Cruzeiro, terra recentemente transplantada a Árvore do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na Pátria do Brasil, tu és predestinado a abrigar espíritos de escol, na sagrada missão de reviver o cristianismo do Cristo da Terceira Revelação, encontrarás o palco de tua nova vida.

Pequena manifestação de alegria quebrou a seriedade com que Alarico ouvia a explicar o Abnegado Servidor, atento aos seus pensamentos, aduziu:

- Sei que exultas, porque já te imaginas próximo da Doutrina Consoladora dos Espíritos e tu poderias oferecer o sustentáculo precioso às duras provas que te aguardam. Porém, lembra-te do meio em que viverás e com a revolta que se alojará em teu coração é de se prever que tu és de Nosso Maior Amigo. E sem a presença de Deus no coração, será difícil despertar para as provas da Vida Maior. A Misericórdia Divina permitiu, como já rememoramos, reencontrar-te na França. Onde havias dizimado os antigos gauleses.

Nestes mesmos sítios poderias reorganizar a vida política de um Império que desmontou seus alicerces essenciais, mas, na condição de Cardeal de Richilieu, Primeiro Ministro, atendendo às exigências escravocratas da Rainha, deflagraste o último período da guerra franco-prussiana produzindo 10.000 vítimas a cada 24 horas. Renegavas, naqueles instantes, a doutrina que abraçaras por sacerdócio, violando a Lei da Fraternidade Universal e acreditando em dois deuses: o Brasil e a França. É de se prever, portanto, que teus caminhos sejam percorridos sem a presença Divina e tu serás expulsado do coração. Ademais, lembra-te que terás, adormecido em teu imo, as lições não aprendidas. No princípio, terás inúmeras ocupações que te desviarão do caminho do Senhor. Seguidamente, estarás assoberbado por tantas provas, que teu Espírito orgulhoso e vaidoso empurrará a tua visão espiritual e te impedirá de Ver a claridade da Verdadeira Vida. Se a tudo, por mim suportares, sem grandes deslizes, sem revoltas de monta, sem te desencaminhares e nem como em épocas distantes, aí então... o tempo de vida que lhe foi determinado, segundo as necessidades, será acrescido de uma sobrevida. O marco delimitador desta sobrevida deverá ser, e caso abrases o ideal cristão, receberás muitas oportunidades de testemunhar em favor do Senhor. Para tanto, receberás do Plano Espiritual toda a retaguarda para arrebuas as algemas que prendem ao passado culposo e bendizendo os sofrimentos que te afligiram em vida, enxugando as lágrimas alheias e poderás dar muito consolo aos deserdados do caminho...

O Mentor fez pequena pausa em suas considerações. Seu interlocutor não o intor encontrava-se meditando profundamente sobre o exposto.

- Deus nos concede a vida, mas nós lhe traçamos o rumos. Aplica-te com denodo à da reencarnação próxima e não desanimes ante lembranças que te sei amargas. Não te esc todo pôr do sol prepara o raiar de uma nova aurora. Volvamos às raízes de nossos males que elas provêm do Espírito. A Humanidade presenciou o Filho do Homem curar os enfermo os paralíticos, limpar os leprosos, expelir os maus espíritos, no entanto não compreendeu qu não veio curar estas doenças!

Que importa as doenças do corpo? O importante são as doenças da alma e foi para ela Jesus, exortando-nos a amar os nossos inimigos, a perdoar sem restrições, a sermos pacíficos, a dominarmos nossas paixões e instintos maus...foi para transmitir-nos essas lições, para a saúde da lama, que veio Jesus... por isso, filho meu, não prevariques, não quando as feridas do coração sangrarem, não te entregues ao desânimo, e quando assoberdado pelas dores pungentes que te afligirão, lembra-te sempre que a noite antecede que na lição preciosa da Física encontramos o correspondente no campo moral: não se ne efeito senão invertendo-o à sua causa, para que aí possa encontrar sua compensação!

Emoções contraditórias agitavam a mente do visigodo. Por um lado, a alegria re grande chance que tanto aguardara. De outro, a apreensão das provas destacadas reencarnação.

O bondoso Mentor interrompeu o diálogo e, abraçando o irmão prestes a voltar ao, PI transmitiu-lhe toda sua admiração, derramando-lhe cariciosos fluidos magnéticos.

A REENCARNAÇÃO DE ALARICO

"Tudo tem uma razão de ser na existência humana. Não há um único sofrimento qu repetido em sofrimento que tereis que suportar".

"O Céu e o Inferno", de Allan Kardec, Cap. VII

* * * *

Borebi, São Paulo, foi o vilarejo que recebeu por filho o Espírito reencarnante outrora poderoso Rei dos Visigodos e que por misericórdia e justiça de Deus viria, em 12 c 1902, retomar as vestimentas carnis em berço pobre, o que fez com que, prematurame Gonçalves conhecesse as asperezas de uma existência árdua e espinhosa.

De sua infância passada em Agudos, São Paulo, pouco se tem conhecimento. E por seu tio, Antonio Arruda, juntamente com um sobrinho seu, Chiquinho, filho de sua Trindade, já que sua mãe, Josepha Mendes, falecera quando este tinha 3 anos, com tumor r intestino e seu pai, João Gonçalves, provavelmente se dedicava ao serviço do lav proximidades de Borebi.

Com 14 anos, o menino e sua família se transfere para Borebi, onde se en serviços temporários no campo, ganhando como trabalhadores braçais o pão de cada dia. A Jésus Gonçalves seu primeiro emprego na fazenda Boa Vista, de propriedade de Ângel Machado. O garoto trabalhava como cultor e beneficiador, ora de algodão ora de café. Nesta tio Antonio de Arruda inicia-o na arte da música e cedo Jésus Gonçalves já ensaiava os acordes num desgastado "baixo de sopro", juntamente com os outros companheiros de l viriam formar, pouco tempo depois a "Bandinha de Borebi", verdadeiro feito que envaidecia vilarejo e animava suas quermesses e bailes de fins de semana. Seus companheiros nesta e foram: Alberico Salvador Pirone, José Ramos Tomé, José Bastos, Lino Vargas, Francisco Brag Luís, Estácio F.Machado e Francisco Fráguas (Chiquito), seu sobrinho. Tinham como maestr Arruda

Estácio Ferreira Machado, seu companheiro de quarto na Fazenda Boa Vista, relata qu época Jésus Gonçalves destacava-se por seu espírito de liderança e que nos seus traços de a imberbe já dormitava uma personalidade marcante, diferindo dos demais colegas pela sua r ser, que não permitia estagnação. Em todos os setores que atuava, a fibra, disciplina e salientavam-se perante a sociedade de Borebi. Por isso, logo se fez conselheiro de todo

procurado nas situações difíceis, já que seu espírito calmo e ponderado sempre salta discernimento próprio de alguém bastante vivido.

Colaborador constante da paróquia de Borebi, não regateava esforços para que as festas locais obtivessem o maior êxito possível e, embora o respeito com que participava das reuniões e procissões, apenas assistia às missas quando se tornava necessário cumprir isto para não faltar com o respeito ao costume de sua gente.

Assim Borebi conheceu o garoto Jésus Gonçalves. O tempo passa. Aos 17 anos, procura novos rumos, que lhe permitam dar maior impulso aos seus anseios de realização. Isto sempre grato a Borebi, sentia que o vilarejo se tornava pequeno demais para a expansão da curiosidade do saber e do progresso.

Bauru, São Paulo, foi o rincão escolhido. As dificuldades encontradas são muitas, impede a vontade férrea do precocemente adulto, Jésus Gonçalves. Seu primeiro endereço era Rua Cussy Junior, esquina com Ezequiel Ramos.

Nesta cidade, teve a oportunidade, durante algum tempo, de freqüentar aulas no Colégio José, não chegando, porém, a tirar o diploma de ginásio. No vilarejo de Borebi e em Aguapeí passou a infância, as primeiras letras foram-lhe ensinadas por seu tio Manuel Gonçalves e posteriormente sua tia Luzia. Por tudo isto, pode-se dizer que Jésus foi praticamente um autodidata em letras.

Aos 20 anos, após ser investido no cargo de tesoureiro da Prefeitura de Bauru, contra as primeiras núpcias com Theodomira de Oliveira, viúva e com duas filhas, Neréia e Lidia. Theodomira deu-lhe quatro filhos: Jaime, Jandira, Helena e Carlos.

Seu lar, simples mas de bases sólidas graças à moral e ao respeito nele reinante abalou com triste acontecimento. Sua esposa, acometida de tuberculose e desenganada, obrigada a transferir-se para Itapetininga. Contudo, por volta de 1930, parte para as Pátrias Espirituais, deixando a Jésus Gonçalves a tutela de 6 crianças, das quais o menor contava apenas 3 anos de idade. Apesar dos dissabores e das dificuldades domésticas, Jésus destacava-se no ambiente de trabalho e na vida social de Bauru por sua afabilidade e simpatia.

Conquistava, assim, o respeito e a amizade de tantos quantos o conheciam. Os acontecimentos difíceis que se sucederam à perda da estimada companheira não o impediram de continuar alegre ao povo da cidade, na sua humilde posição de clarinetista da "Banda da Prefeitura", também conhecida àquela época como "Jazz Band de Bauru".

O teatro também foi móvel de suas iniciativas naquela cidade. Nas peças, geralmente autorizada, atuava como diretor e ator. Eram apresentadas nos Teatros "São Paulo" e "Dante Alighieri". Em Pederneiras, cidade vizinha, as peças eram levadas no cinema local. Faziam parte da "Companhia Amadora": Paulinho Rodrigues, Francisco Fráguas, Média Madeira, Ernesto Perez, Maria Rosa. Das peças encenadas alcançaram sucesso: "Fim do Mundo", "Mulheres sem Dono", "O único Homem da Época" (história de um médico que transformava as pessoas) e "Dois Corações" (história interessante errada, retratando a Revolução de 1924). Esta última conta a história de um jovem que se enamora de uma paulista ao visitar São Paulo. Com a Revolução, é obrigado a voltar ao sul. A peça termina com a seguinte "fala" do personagem: "Adeus, menina paulista. Largo à minha terra, a expressão mais brilhante da Pátria Brasileira, mas acontece que eu tenho outro coração: o coração do Sul". Paralelamente a estas atividades, vicejava em seu grande amor ao jornalismo e, em pouco estudo, trazia consigo a bagagem literária de um autodidata esforçado. Entre os seus trabalhos, conseguiu engajar-se nas funções de articulista do "Correio do Noroeste" e do "Diário de Bauru", órgãos jornalísticos da cidade de Bauru.

Além da contribuição regular ao "Correio do Noroeste" artigos em prosa e poetas publicados em outros Diários como este belo poema que se segue, ainda inédito em livro:

A NATUREZA

No poema sincero que agora concebo,
Direi sem receios, com muita firmeza,
Que em tudo o que vejo, o que sinto e percebo,
Contemplo a cantar, nossa Mãe Natureza:

No germe da vida, que surge e palpita

Nos seres viventes que acabam na morte;
Que acabam morrendo na luta esquisita,
Da ânsia do fraco a querer ser mais forte...

No vírus da morte, que ao "nada" conduz
Os seres que lutam em dura refrega;
Que vence na vida, o que a vida produz,
Sem nunca vencer o que a vida lhe entrega.

No homem que nasce, que vive e que morre
No seio do homem que fica e que passa;
Gerado no homem, no sangue que corre
E acaba na morte a vida se enlaça.

Na água do mar, que é da água que aflui
Das grossas serpentes, que em tramas de fios,
Rebentam da terra, que ao mar restitui,
As águas serenas que correm nos rios...

Nas lutas das ondas, traquinas, teimosas,
Que afrontam as rochas e quedam partidas...
E vão para a praia, arrogantes, vaidosas
E beijam a areias e se entregam vencidas...

Nas nuvens moventes, que o céu agasalha;
Que temem e gritam nos choques da luta
E choram...desfeitas em líquida malha
E servem a terra em perene permuta...

Nas rochas da serras, que são gigantescas
Vigias do solo, na rija feitura;
E vertem das veias as águas mais frescas,
Que vão para o lodo, em chocante mistura...

No lodo que mancha a pureza das águas
E vive na terra, que opera tranqüila
E surge de novo, num grito de mágoas,
No pranto das nuvens que ao lado distila.

Nos campos extensos, bonitos, cheirosos,
De um verde tapete coberto de flores,
Que servem de poiso aos viventes ditosos,
Que ali vão torcer os seus ninhos de amores.

Nas lindas estrelas, do espaço inquilinas,
Que tremem de inveja das luzes maiores,
Que brilham à noite, gentis, pequeninas,
Dispostas no céu como luzes menores.

No amor que reside no beijo que estala
Da boca tremenda daquele que ama;
Que une, entenece e que à alma nos fala,
Das coisa sublimes que a alma reclama.

No ódio que quebra, ferino e mordente,
A graça e beleza ao conjunto seletivo;
Que mora e se esconde, vivendo latente,
No cofre que serve de cofre ao afeto.

Nos astros que olham à grande distância
Num jogo de luzes, as mais reluzentes,
O giro infindável e sem relutância,
Dos velhos planetas, que giram dementes

No sopro da brisa, suave e macia,
Que é filha do vento que rugem em açoites...
Na noite que zomba da morte do dia
E o dia que ri da fugida das noites...

No ouro metal, feito em rei dos metais,
Que é o berço da inveja, discórdia e trapaça
Na moeda que mostra, nas faces iguais,
De um lado a ventura e do outro desgraça...

Na seiva que marca a velhice das "Eras",
Passando nas horas pequenas, velozes;
Que grita soberba, no grito das feras
E canta na aves, num misto de vozes...

No fogo latente, que a terra propaga,
Que o homem transforma, com grande artifício
Em chamas que o ar estimula e apaga
E prestam ao homem real benefício.

No sol feito rei, que não tendo dilema,
É rei soberano, impoluto, solente.
Mantendo o equilíbrio de todo o "sistema"
Num elo de fogo que dura perene!...

Na força invisível, Sublime, Portenta,
Que haja criado, com mão poderosa,
A "essência-mistério" que tudo alimenta
E algo nos fala de "Pré-Nebulosa"!...

Passado algum tempo do falecimento de D.Theodomira, vemos Jésus Gonçalves incansavelmente para cumprir sua missão: proporcionar o sustento e a educação nec crianças. Conquanto ainda ignorasse os tristes acontecimentos que transformariam sua vida, como apoio, uma sua vizinha, Anita Vilela, que penetrando em sua lama amargurada se de fazer o papel de dona de casa que lhe faltava. Com isto, terminou por envolver sei resultando daí uma união que durou 12 anos até o desencarne desta, tempo em que nã testemunhos de renúncia e abnegação de ambas as partes.

A vida terrena, porém, é purificação. Jésus Gonçalves é atingido por grande provação que se lhe formam pequenas manchas no braço direito e tubérculos nas orelhas. A princípio causavam maior apreensão, mas com aumento destes, decide procurar um médico que lhe diagnóstico: "Devo imediatamente comunicar ao serviço Sanitário Estadual que o senhor é p mal de Hansen. Para tanto, solicito sua compreensão e colaboração, no sentido de nã responsabilidades de tão grave e contagiosa moléstia. Tenho certeza de que não ignora a gr seu mal, e as conseqüências que este acarreta para a vida de seus portadores. Por isso, s

cooperação no sentido de não insurgir-se quanto às sanções e restrições a que estará partir deste momento”.

Ele não conseguia entender, mas a programática reencarnatória cobrava-lhe pesado tributo. Procurando dominar a agudeza das dores experimentadas, deu largas à reflexão avinagrado retrospecto da morfêia: palavra multimilenar, sinônimo de mutilação, ulcera maldição ... Ele agora era um imundo!

Seria muito difícil enfrentar a nova situação. Via-se, somente, a ferir-se com o de amigos e o escárnio da sociedade! Não conseguia ele alcançar o sentido de justiça que não que aguardara quinze séculos para chamar-lhe ao acerto de contas. Seus turbilhoados pensamentos relanceavam uma incursão ao fadário que constituía a vida do leproso. Des imemoriais, estes tristes lacerados, com sua chagas pestilenciais e retratos de horror, se arrastava pelo peso de sua cruz pela via dolorosa do sofrimento. E agora, ele tornara-se um deles!

JÉBUS GONÇALVES -- O LEPROSO

“ O homem tem que reparar, no plano físico, o mal que fez no mesmo plano. Torna a cadinho da vida, no próprio meio onde se tornou culpado, para junto daqueles que enganou, espoliou, sofrer as conseqüências do modo por que anteriormente procedeu”.

“ O Problema do Ser, Destino e Dor”! Leon Denis – ed. Feb.

Jésus Gonçalves sempre respeitava a Ordem e a Lei. Não seria agora, com adversidade, que modificaria sua maneira de ser, desrespeitando as normas da Saúde Pública obrigava os portadores do mal de Hansen a um afastamento quase total da sociedade. R princípio sim; nunca, porém, Jésus tivera a intenção de burlar ou ferir a legislação médica pois, acima de tudo fora um respeitador incondicional das leis.

Assim, com a alma mais dilacerada do que o próprio corpo, vê-se Jésus Gonçalves outra terrível prova: que fim levariam seus pequenos rebentos e sua companheira? Como r eles tão trágica notícia? Aquele Deus, em que não acreditava, impusera-lhe mais uma ruca Jésus Gonçalves, revoltado mas submisso, desesperado mas sob controle, sente-se no verd 27 anos um homem marcado tragicamente pela vida. Neste estado, com as feridas entreabertas, demora algum tempo para se recompor e tomar as decisões necessárias.

Lígia e Neréia, filhas de sua primeira esposa, são entregues à tutela de uma p. Itapetininga; Jandira é confiada à tia Luiza Trindade Espanhães, em Bauru. Ele, aposentado funcionalismo público recolhe-se, com o restante da família, a uma moradia cedida pe Municipal, na Rua Campos Salles, em Vila Falcão.

Seus filhos, ainda pequenos para entenderem tão repentina mudança, estranha a p pai o dia todo em casa; ele, que sempre fora tão ativo e ocupado em seus afazeres profiss “Correio da Noroeste” continua recebendo seus artigos, mas o inquieto redator, acorrentado anseios e sequioso de trabalho, não se conforma diante inatividade forçada.

Um amigo e compadre seu, João Martins Coub, entendendo-lhe a angústia, cede-lhe de um sítio, nas proximidades de Bauru. Para ali, Jésus se transfere com seus familiares. S inquieto atira-se com a mesma fibra de sempre ao trabalho do lavradio, principalmente ao melancia e outras frutas, tentando com este afogar as lágrimas de mágoa que a doença lhe ir

Contudo, para uma vida predestinada ao sofrimento, à frustração, já se poderia p aqueles momentos de trégua seriam passageiros. De fato, em 16 de agosto de 1933, uma Serviço Sanitário rouba-o implacavelmente do convívio da família e procede a seu intern: Asilo-Colônia Aymorés, recém-inaugurado em Bauru.

Jésus Gonçalves já esperava por este momento. Deste modo, aceita resignado a novi para surpresa dos funcionários da Saúde Pública que, normalmente, enfrentavam grande re revolta dos doentes.

As exulcerações lepromatosas já se faziam mais visíveis. Em breve, previa, dev reduzido a um monte de carne disforme se não enlouquecesse até lá...

Onde estava o “Deus” de que tanto falavam?

O que fizera de tão cruel, para que Ele o atingisse com o guante de tão amargosa

Dentre tantos flagelos, misérias e castigos que existiam no mundo, porque logo a "Lázaro" para ele?

E assim, entre dúvidas e imprecações íntimas, rasgavam-lhe o peito relâmpagos de prenunciarem a chegada próxima da borrasca nos meandros de seu destino.

NO LEPROSÁRIO DE AYMORÉS

"O doente de Hansen não precisa de piedade. Não precisa de compaixão. Precisa e precisa de solidariedade e compreensão".

Malba Tahan

Data de 26 de agosto de 1933 o prontuário de entrada nº 3351, do cidadão Jéus Go Asilo-Colônia Aymorés.

Na sociedade em que passa a viver, são todos iguais a ele: elementos que trazem nas corpo as marcas dos erros de existências passadas; ali, unidos em sofrimento, amigos e outras vidas suportam-se uns aos outros, tentando, através da doença do corpo, restituir a alma.

Intimamente Jéus Gonçalves mostrava-se mais resignado, como que se conscientizar não adiantariam arroubos de revolta, ao pensar na felicidade que tantas vezes se lhe escamoteia nas mãos. No entanto, o rancor que não se extravasa em atos, mostrava-se dominador, exuberante em suas produções, como vemos no soneto "Uma Vida". do livro "Flores de Outono" ed. Lake.

Nasci numa paupérrima palhoça,
Onde passei a infância e a juventude,
Ferindo as mãos no labutar da roça,
Queimado pelo sol, na luta rude.

Dupla orfandade me colheu. E pude
Ver o destino, como zomba e troça,
De quem tem nesta vida, em plenitude,
Todo o mistério que uma vida esboça.

Cresci. Lutei. Sem ter o privilégio
Da "Carta" que se ganha no colégio
E que clareia ao homem seu fadário.

Da palhoça passei para os salões,
Onde nasceram novas ilusões,
Que vieram sucumbir num leprosário!...

Apesar das revoltas e frustrações, seu espírito nunca se deixou sucumbir ante a ociosidade e o desânimo. Líder por excelência, modelo de homem coreto e cumpridor de seus deveres, tranquilo e calmo, no breve tempo em que esteve internado em Aymorés cultivou sinceras amizades. Foi protagonista à frente de diversas iniciativas, como a fundação do jornalzinho interno "O Momento". E participou e interpretou muitas peças teatrais, participando também da criação do "Jazz Band de Aymorés" e da equipe de futebol.

Foram seus companheiros no "Jazz Band" e contemporâneos de Aymorés: Emílio Franco, José Belber, Duque, Ângelo Santini, Mourão, Lelo, Durval Campos, Guido Petrelli, Calazans e

Um deles, Osório, mereceu mais tarde de Jéus o interessante soneto que se segue: "Flores de Outono" – ed. Lake

Osório. A ti que és "troça" da cidade,
se os homens não são bons, não são tiranos;
jamais espreita o sono uma saudade

nem a esperança se aniquila em planos...

Não sofres de descrença ou desenganos,
porque não tens inveja nem vaidade.
Pouco ter importa o suceder dos anos,
sempre menino a envelhecer na idade.

Por isso, tu, que causas dó pungente,
aos que merecem pena em suas paixões,
a mim, causas inveja, simplesmente...

Sim!...Quem me dera ter gelado o tino!
Não habitar castelos de ilusões...
E não viver à espera do destino!

Na impossibilidade de receberem grupos artísticos no Asilo, Jésus Gonçalves e o grupo interno representavam peças de sua autoria ou adaptadas por ele.

Destacaram-se nessas apresentações as peças "Bombonzinho", adaptada de Viriato Coutinho, e "O Outro André", de Correa Varella à qual "O Momento" assim se refere em sua edição de 1936:

NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA TEATRO

Realizou-se ontem, conforme fora anunciado, o espetáculo do Grupo de Amadores local, rigorosamente ensaiada, a linda e engraçadíssima comédia "O Outro André", em cena no Asilo, dirigida por Correa Varella.

Falta-nos espaço para descrever o espetáculo em toda a sua perfeição e brilhantismo. Entretanto, que a noite de ontem ultrapassou todos os limites de toda a representação de "O outro André" constituiu uma glória para os nossos amadores de interpretação que deram, todos, aos papéis, valeu uma consagração. Estiveram todos dando mostras de grande amor pela arte, para elevarem-se mais no bom conceito que todo deles.

Não é possível destacar elementos, como é impossível apontar falhas.

A peça discorreu num crescendo de perfeição, para terminar sob os grandes aplausos da platéia colossal.

O público numerosíssimo, riu a valer. Riu e aplaudiu, com o entusiasmo sincero de que

Entre a grande assistência, vimos muitas pessoas de Bauru e bem assim, o corpo de funcionários do Asilo. Dos de Bauru destacamos de relance, as Sras. Prosperina de Queiroz e marido Lopes Abelha, Cecília Lopes Abelha, Evangelina Kruger e tantíssimos outros, cujos nomes não escaparam.

A montagem esteve brilhantíssima com riquíssimos cenários oferecidos pelo conselheiro brasileiro, Procópio Ferreira.

Nossos parabéns ao extraordinário conjunto cênico local. Na verdade, graças aos talentos de Correa Varella, destacava dos demais e ao espírito empreendedor e vibrante no trato de tudo que abraçava, difícil granjear também a simpatia da Direção do Hospital. Isto fez sua fama ultrapassar os limites de Bauru, indo alcançar outros Sanatórios e até mesmo o Centro Estadual de Profilaxia de São Paulo. Faz-se mister realçar este último detalhe, porque foi graças ao prestígio de Jésus Gonçalves, que sua dedicada companheira Anita – apesar de ser sadia – conseguiu, depois de certa relutância, internar-se em Aymorés, para viver com ele e seu primogênito, Jaime, também suspenso por portador da moléstia. Numa época em que constituía ato de heroísmo até mesmo estender a mão para um doente de lepra e, onde minguadas e espaçadas visitas de entes queridos eram obrigatoriamente realizadas nos famosos "parlatórios", que separavam, aviltantemente, corações unidos pelo amor, a maravilhosa companheira dá sublime prova de renúncia e amor a Jésus Gonçalves, atitude consignada nos arquivos da memória de quantos a conheceram àquela época em Aymorés. Na realidade, dado o rigor com que eram dirigidos os Sanatórios de Hansenianos nesse tempo, é impossível encontrar em seus arquivos o prontuário de Anita Vilela, presumindo-se, portanto, a sua pseudoclandestinidade da mesma.

Anteriormente à fundação de Asilo-Colônia Aymorés, havia na cidade a "Liga de São Bauru" que tinha por fim abrigar e defender os interesses dos hansenianos. Com a "Aymorés", esta perdeu sua razão de ser mas antes de extinta foi assunto de muitas coisas quanto a destinação de seu patrimônio.

Jésus Gonçalves, partícipe da absorção desta Caixa Beneficente de Asilo, fez publicar artigo no jornal "O Momento" de 12 de março de 1936, interessante não só pela reconstrução dos fatos, como também pelos comentários nele inseridos a respeito da situação e da personalidade dos hansenianos em geral:

O DIREITO E A JUSTIÇA
O CASO DA LIGA DE SÃO LÁZARO DE BAURU
Jésus Gonçalves

"Vai realizar-se, no sábado próximo, 14 do corrente, uma reunião, ou melhor, uma assembleia entre os associados da velha "Liga de São Lázaro" de Bauru.

O assunto a ser desenvolvido nessa reunião coletiva parece ligar-se, segundo é de conhecimento geral, ao estudo definitivo da situação que lhe foi criada depois da inauguração do Asilo-Colônia Aymorés, mesmo, decerto, dissolvida a "Liga", visto a sua nenhuma razão de ser presente época.

Antes que essa reunião se realize, reserva-me a circunstância o direito de algumas palavras, há, porém, nesta minha atitude nenhuma influência superior oculta e nem está ligada ao espírito subalterno do servilismo.

Como redator deste pequenino jornal e como humilde servidor do Asilo onde vivo, julgo de meus deveres demais a minha palavra em torno desse assunto palpitante. E, manifestando o meu pensamento, minha pena desliza sobre o papel com aquela facilidade dos que se entregam à defesa de uma causa nobilíssima. Oxalá o grito do meu coração possa chegar até a mesa dos trabalhos da "Liga" e exercer a influência da Justiça e do Direito.

Na hipótese da dissolução da sociedade, o seu patrimônio será por força, transferido a outra instituição congênere, que haja nascido para os mesmos fins e propósitos. Não sei, pois, qual será a decisão que vão tomar os trabalhos da assembléia, e nem tampouco o desfecho de suas resoluções. Conheço o estado de espírito de cada um dos participantes à próxima reunião, bem como, de certo, o pensamento que os anima em relação a esse acontecimento de suma responsabilidade.

Partindo, entretanto, de um princípio de lógica e de justiça, de coerência e de direito, acho que todos os atuais componentes da velha associação beneficente tenham os seus papéis voltados para a "Caixa Beneficente" do Asilo-Colônia Aymorés. O patrimônio da "Liga" foi adquirido em nome do leproso, em nome de sua dor, em nome de sua desgraça, em nome da lástima que lhe causava... Por isso a ele deve ser dado o que é dele! Entendo que assim pensam todos e não é de admirar que, instante sequer da compreensão dos bauruenses que, reunidos, vão decidir de uma causa sagrada.

Sucedem essas coisas, precisamente quando a "C. B." se acha em face do seu maior inimigo, esboçando a construção de um cassino no Asilo, dadas as condições atuais do leproso encarcerado, que constitui o anseio de quantos vêem na sua solução, a conquista legítima de uma vida melhor e inadiável.

Ninguém, de boa fé e consciência, pode conceber a idéia de que seja possível arrancar o doente do seio de sua família, calcando-lhe no coração a flecha da saudade infinita e tolher os movimentos de um cristão livre, para encarcerá-lo, sem outras cogitações que não sejam as vantagens da sua desgraça! Ninguém, decerto, alimentará a idéia de que ao doente para viver lhe o alimento e o agasalho do corpo... dando-lhe como direito, apenas, o direito de simplesmente, assistindo estático o movimento dos astros que marcam os dias e as noites, ao doente internado, mais do que ninguém, precisa de lenitivo confortante do movimento de organizar-se coletivamente, divertindo-se e instruindo-se também em comum, a fim de esquecer as saudades não lhe trucidem mais a alma enegrecida!

A vida do Asilo, em todas as suas modalidades, só pode ser compreendida de fato, quando, tombando em meio da existência, se vê arrastado pela desgraça, à mísera condição de asilado... No ambiente limitado e triste de um asilo, não correm os trens do progresso e nem os aviões da civilização; não interessam os negócios da bolsa e pouco importam as oscilações da bolsa; não se discutem estatísticas das safras algodoeiras e a política nacional vive à mercê dos acontecimentos naturais. O doente internado no asilo não é pois um renegado moral.

Tem o físico abatido, minado pelo vírus terrível, mas glorifica a alma no santo sacrifício do desprendimento. Chora a sua eterna desgraça, afogando no coração todas as aspirações e

mas vive altaneiro e contente, porque serve aos seus semelhantes!

Por tudo isso, é preciso que se dê ao doente o máximo de conforto, preparando-lhe para a aceitação da lei que o prende e que tolhe os movimentos. É preciso ensiná-lo a colar a sociedade à parte, que vem a ser a sociedade hanseniana. Ser doente não constitui um crime, significa um delito, lógico concluir que o asilo não foi criado para ser uma cadeia. Esse o porquê predominante no seio dos dirigentes da Instituição Estadual e é esse o ponto de vista que a "Beneficente" se propõe realizar, para o que, conta com o apoio destas modestas colunas.

Dito que o internado não pode viver no espaço sombrio de quatro paredes tristes, cor-de-rosa, tão somente o desmoronamento do seu próprio "EU", sem alimentar outra esperança que não a de morrer, - fácil a conclusão de que é preciso aproximá-lo o mais possível da vida livre que deixou em benefício da pátria e dos seus compatriotas.

Reside nesse ponto o empenho da "Caixa Beneficente". Por isso, pretende ela construir para dar ao doente o direito de assistir um cinema, de ir ao teatro, de freqüentar uma dança, de sentar-se nos bancos de uma escola. A construção do edifício impõe-se pois, necessidade de primeira linha.

Mas, - pergunto - construir como? Se os saldos da sociedade não chegam ao início de um ano, desse culto? Como aniquilar os pequenos fundos de reserva que estabelecem a base da orçamentária da Instituição? Recorrer novamente à caridade pública, já, afigura-se-me um crime, deve pesar na consciência, nesta época em que o povo paulista se vê a braços com dificuldades sobrecarregado pelas majorações da vida contemporânea. Daí o concluir que, sendo a "Beneficente" deste Asilo legítima herdeira dos bens da sociedade bauruense que vai encerrar de atividades, é chegado o momento propício à realização desse objetivo. Contando com o auxílio da Justiça e Direito lhe pertence, tornará em realidade esse traço administrativo que tem sido um sonho. Só assim a "C.B." atingirá os fins instituídos em suas leis fundamentais, no desempenho de um trabalho fecundo e recíproco.

Mais adiante, no mesmo exemplar do Jornal, encontramos a seguinte referência de Gonçalves:

FATOS E INFORMAÇÕES

O Sr. J.G. apareceu-nos no domingo último com uma imensa, uma gigantesca lapela...Que gosto...

TRANSFERÊNCIA PARA PIRAPITINGUI

SOLIDARIEDADE

Em baixo destes céus, por estes ares,
onde eu sou triste em lúgubre morada...
faz moradia alegre a passarada
que sabe ser feliz e sem pesares,

Nas moitas, nos jardins, pela ramada,
andam pardais aos mil, pombos aos pares,
cantando as mil canções da madrugada,
no confuso rumor dos mil cantares!

E em primavera eterna e venturosa,
Não abandonam eles a paragem,
Sem ter medo da doença contagiosa...

Por isso aos passarinhos amo tanto!
E se entendesse deles a linguagem,
Com eles cantaria o mesmo canto.

(Jésus Gonçalves – “Flores de Outono”)

Pejada de lances dramáticos e estratégias rocambolescas foi a transferência de Jésus para Pirapitingui.

O mesmo espírito empreendedor e dinâmico que fez conquistar lugar de destaque internos de Aymorés e a direção do Hospital, fez com que, durante tempo, fossem sufocados anseios de mudança de Sanatório, pois era fama corrente na época que o Hospital Padre Guarulhos, São Paulo, oferecia melhor assistência médica, e Jésus, que sofria muitos problemas de fígado, desejava transferir-se para lá, no intuito de beneficiar-se com essa assistência.

No entanto, de nada lhe valia o prestígio conquistado junto ao Dr. Francisco Sallés, Diretor do Instituto de Profilaxia da lepra em São Paulo, já que suas cartas e esperanças foram em vão nas mãos do Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, Diretor do Sanatório de Aymorés, que não queria ver o ativo e dinâmico interno transferido para outro Hospital.

Numerosas cartas foram remetidas e a resposta não vinha. Com isto, Jésus ficou desconfiado do que estava acontecendo, e já magoado com as querelas com o então diretor Beneficente do Asilo, João Ferraz, que quase culminaram com a saída de Anita, sua companheira no Sanatório, arquitetou um plano, a fim de estabelecer contato com o Dr. Salles Gomes em São Paulo. Numa época em que fugir ou ausentar-se de um Hospital de Hansenianos era comparado a fuga de prisão, Jésus Gonçalves, premido pelas circunstâncias e contrariando até mesmo os princípios, planeja uma escapulida de Aymorés, de seu filho Jaime e do companheiro Julinho com 14 anos aproximadamente, para Bauru providenciarem o devido contato com São Paulo. Após vários dias estudando os melhores locais e o momento adequado, Jaime e Julinho, valendo-se de seus espíritos aventureiros, lançaram-se em direção a Bauru, distante 12 ou 13 Km de Aymorés. Após ultrapassado o espanto inicial de Luíza e Jandira, tia e filha de Jésus, colocam-nas a par da empreitada e iniciam rápida jornada de volta.

Não demorou muito tempo para obterem a ansiada resposta: Dr. Salles Gomes enviou uma ambulância com o Ofício de Transferência para Padre Bento de Jésus Gonçalves e seu filho Jaime. À surpresa e indignação do Dr. Enéas, que sem saber como haviam conseguido realizar o contato, ficou inconformado e furioso, não sabia que argumentos usar para reter seu mais famoso interno em Aymorés.

Embora deixando resquícios de seu coração em Aymorés, pelos seus amigos queridos que se cativara, segue, Jésus Gonçalves, entre célere e vitorioso, a 21 de setembro de 1937, rumo a Bauru. No entanto, a viagem foi-lhe um tormento; as dores no fígado castigaram-no tanto que a ambulância teve de fazer uma parada forçada no Hospital de Pirapitingui, em Itu, na metade do trajeto, para que este pudesse descansar um pouco e receber a assistência médica necessária. Aportando em Pirapitingui, o Diretor do Hospital, Dr. Marcelo Guimarães Leite, conhecendo-lhe a situação, retardou sua partida, até convencê-lo a ficar ali, sob promessa de maiores e melhores cuidados. Esse argumento foi o bastante para convencer Jésus Gonçalves, já que transferir-se para Bauru representava tão somente promessa e não garantia de melhoria no tratamento médico.

JÉBUS GONÇALVES – O ATEU

FALTA (1940)

Onde andaré um “não sei que”, um Bem,
em cuja busca sou judeu errante?
Por onde eu passo, já passou também..
E quando chego já pariu há instante...

Não sei se está na vida, ou mais adiante,
dentro da morte, nas mansões do além...
Se está no amor...se está na fé, perante
os dois altares que esta vida tem.

Mas, se esta vida é um sonho, a morte o nada;
por que manter-se em luta desvairada?...

No entanto, eu sigo ...acovardado, triste...
a procurar em tudo que não creio,
a coisa que me falta e não existe!

(Jésus Gonçalves – “Flores de Outono”

Em Pirapitingui, a disséia de Jésus prossegue. Mais um capítulo de sua vida é a temática permanece a mesma: o flagelo de uma doença que não tem pressa de caminho implacável e dominador em sua trajetória. Lentamente vai tomando contadas extremidade: para então atingir os órgãos vitais, seu alvo principal. A cada passo, em se deparando com de remédios que tentam impedir-lhe a passagem, eis que ... não se desespera, e após pequeno rompe a trégua momentânea e inflexível, avança incontinenti rumo ao seu alvo. A destruição cruciante e inoperosos se tornam cada vez mais os medicamentos. Ela não respeita, não tra faz armistícios, não aceita tréguas. É implacável. Não perdoa.

A dor, a angústia e a solidão fazem com que os indivíduos busquem o remédio e Jésus Gonçalves não foge à regra; também O busca, mas, mesmo Ele estando dentro do enfermo a rodeá-Lo, ainda assim, Jésus Gonçalves O nega, procurando-O somente nas vestes trabalho, da atividade artística, da criação. Precisaria surgir uma “Estrada de Damasco” neste homem, para que o gigante adormecido dentro dele viesse à tona? Ele possuía quase seu mundo: amigos, prestígio, nível intelectual, artístico; era um líder em potencial e estava a todas as iniciativas. Contudo, não se completava. Faltava algo dentro dele. Jésus Gonçalves e

Ainda, por mais uma vez, traduzia ele sua amargura, em versos:

Em mim reside um mal, uma agonia,
Que torna o meu viver indiferente.
Talvez um crime que minha alma expia,
- o crime de sonhar e de ser crente...

Tudo o que é belo, está de mim ausente.
A tudo estou alheio... Todavia,
a morte tarda. E eu vou contando, doente...
o lento gotejar do dia-a-dia...

As sombras do passado, já distantes;
as promessas futuras, provocantes;
- tudo morreu em mim, sem ter remédio.

Creio até que este mal que não tem cura,
comigo irá morar na sepultura,
p’ra que dentro da terra eu tenha o tédio!

Pouco tempo depois de sua chegada a Pirapitingui, Jésus Gonçalves já se revela indivíduo absorvente de sempre.

Logo Vê à sua volta grande roda de amigo que o cercam como se, de há muito, o tivessem líder, a ponto de muitos não o chamarem pelo nome, mas pelo apelido – mestre – pois, saliente sobre os demais, era requisitado a opinar e a aconselhar sempre que a ocasião se apresentava.

Cedo reconheceram nele um homem um tanto diferente dos demais internos; sério, reto, íntegro, denunciava ali a presença de alguém amante da disciplina, da ordem, dos costumes; sua altivez, própria de guerreiro vencedor frente ao vencido, camuflava a dor e o sentimento de um artista, que fazia da pena do poeta e do teatrólogo porta-voz de

univérsica, acorrentada aos limites da carne. Sim, Jéus Gonçalves não era mais um ir muitos que iam e vinham.

Jéus Gonçalves, perceberam logo, era alguém predestinado a deixar na Hospital seu nome marcado em letras de glória. Sua primeira iniciativa, no campo da lide estava no seu sangue, foi candidatar-se à Presidência da Caixa Beneficente. Este era pertencente aos internos que se constituía numa espécie de Prefeitura e estava reportada à Hospital. A Caixa, como ainda o é hoje, dirige as atividades comerciais existentes no Ho como cooperativa de alimentos; fábricas de sabão, colchão, guaraná; olaria; lavoura,; pecu de ser órgão representante dos internos e distribuidor das verbas recebidas do governo pel aos internos mais carentes.

Já era dada como certa sua vitória nas urnas quando foi interrompido o proces devido ao Golpe de Estado de 1937, ocasionando a prorrogação do mandato do então Pre Caixa. Diligente como sempre, sua iniciativas logo foram movimentando a vida até então mc Hospital. Suas adaptações e produções teatrais, da comédia à tragédia, marcaram época; Band" foi fundado; conseguiu, junto à Direção do Hospital, a implantação de uma Estação (PRC-2 – Rádio Clube de Pirapitingui), que funciona até os dias de hoje; e fundou ainda um j interno, "O NOSSO JORNAL", do qual era diretor e redator.

A PRC-2, Rádio Clube de Pirapitingui, foi fundada a 20 de agosto de 1939, m um técnico da cidade de Itu, João Pandof, e por um interno do Hospital, Antonio Clarassol.

Suas precárias instalações ficavam inicialmente no porão da Enfermaria A, i Salto. A direção do Rádio era de Jéus e colaboravam com ele na programação; Ângel Scavoni, Valentim Montorso, Esmeralda Zúquere, Filomena Rossi e, bem mais tarde, ent 1948, o filho de Jéus, Jaime Gonçalves. Posteriormente, a Rádio foi transferida para instala apropriadas na Praça Margarida Galvão.

Singular episódio ocorreu certa vez no programa "De você para Você" e caracteriza a personalidade materialista de nosso biografado. Este programa era a diariamente pelo interno Valentim Montorso e sua maneira clássica de terminar o programa (amanhã , nova apresentação do programa "De Você para Você" se Deus quiser! Jéus Gonç estava por perto neste dia, pegou o microfone na mão e retrucou: - se Deus quiser não, se porque quem manda aqui sou eu.

Também nas apresentações teatrais fluía o caráter materialista de Jéus Gonç das peças encenadas em Pirapitingui foi "Deus e a Natureza" que, apesar do nome, apresenta maneira do autor e de tal modo distorcida que o Padre católico na ocasião, Antonio de Mour proibiu os menores e as senhoritas de sua Igreja de assisti-la. Outra representação muito ap a peça "O Divino Perfume".

Participavam do grupo cênico: Jéus Gonçalves, Rita Romero, Silvio Neto, Zin Lídia Tassi e outros.

Suas leituras preferidas eram romances e contos policiais, principalmente Victor vida) e Arthur Conan Doyle (Sherlock-Holmes). O jornal que assinava era o "Diário de São Pa

Apesar de todo este dinamismo, um vazio imenso ainda o acompanhava por que fosse. Queria compreender a razão desse vácuo, descobrir coisas novas, sair espiritual limites estreitos daquele Hospital, ali permanecendo fisicamente; permitir, enfim, à sua imag desse vãos à catadas respostas que há tanto procurava! Percebia, aquele homem, que se apr final de sua passagem terrena e aquilo que durante a vida toda buscara não havia encontr Isso o angustiava, o maltratava, mais do que as próprias chagas que lhe cobriam o corpo morreria sem obter resposta às suas interrogações? A quem recorreria?

Segundo relato de Ninita, habitante do hospital e que mais tarde viria a u matrimônio Jéus, causava-lhe um misto de tristeza e piedade ver aquele homem tão r afastado de Deus. Não raras vezes, surpreendiam-no monologando ironicamente com a i Cristo, no alto da parede da Capela: Dizem que tudo percorreste; as estradas e os r pregando a igualdade no mundo. Mas onde está a tua bondade, o teu amor, fazendo sof criancinhas que não pecaram e sofrem a mais negra situação de miséria física? Olhe criancinha leprosa, sem pés, sem dedos, sem mãos. Que mal fez ela para castigares impied Cristo, responde-me, onde está o teu cantado amor pelos homens, pelas crianças?

Outras vezes, irrompia dele a revolta traduzida em versos:

Rompe a lavorada. O dia se levanta.
Triste canário, uma canção solfesa,

em doce voz, em melodia santa,
implora a liberdade que planeja!

Também anseio o que o canário almeja
nesse cantar que a grande dor suplanta.
Ele, mais forte, canta o que deseja,
como mais fraco, eu choro o que ele canta...

Um dia, eu disse ao pássaro em segredo:
- lamento o teu sofrer, o teu degredo,
já que nenhum de nós é criminoso...

Lamento que te dêem a mesma sorte,
que a tua inocência a mesma dor suporte,
quando tu nem ao menos és leproso!

Ninita ficava transida de horror diante das blasfêmias de Jésus Gonçalves. Era pelos lábios, a grande indignação que lhe habitava o coração, contra Cristo e contra Deus, próprio corpo e dos amigos, consumindo-se pela incurável moléstia. Sua amiga Ninita, que era adepta da Doutrina Espírita, tentava transmitir-lhe, sem sucesso, alguns ensinamentos lionês Alan Kardec, buscando amenizar os estados depressivos que se tornavam cada vez mais frequentes:

"A tua revolta é justa. Foste ensinado erradamente de que existe uma única vida, que começa no berço e termina num banquete de vermes. Instruíram-te a respeito de uma vida que termina e por isso é justa a tua revolta. Te deram uma imagem distorcida de Divindade e por isso hoje estás em um Ser Superior e nem na Justiça Divina. Porém, se raciocinasses melhor e olhasses o mundo com outros olhos, verias que a Justiça Divina é sábia e é pena que poucos a compreendam. Não por acaso ou por maldade. Pagas hoje os erros de tuas vidas passadas e pagarás amanhã os cometidos nesta presente passagem pela Terra. Somos hoje o que fomos ontem e seremos o que formos hoje. Ninguém escapará à Grande Lei. Deus dá a liberdade de agir como quis e lembra-te será responsável por teus atos. Receberá a recompensa ou o castigo segundo a natureza dos frutos que produzires. É a Lei de Causa e Efeito, que faz com que compreendamos a vontade do Pai".

E assim, Ninita ia tentando abafar o grito de desespero prestes a eclodir dos seus lábios, mas a chama daquele ser em constante busca de alguma coisa que não podia, sequer ele, precisar. Só sabia que buscava. E essa busca o afligia, o corroia, o maltratava. Era a procura interminável de si de algo que estava em si próprio. Não compreendera ele, ainda, que fomos criados à semelhança de Deus, e que antes de O descobriremos no exterior. Ele acena dentro de nós e conclama a irmos em direção a Ele. É Deus dentro de nós. É Deus nos convidando para o básterio e fraternidade universal.

Este era o quadro da época de Jésus Gonçalves, o conselheiro de todos, o amigo dos miseráveis, o amparo dos aflitos, o amigo das horas difíceis, exteriormente seguro, mas interiormente vulnerável, incompleto, e, mais do que nunca, irrealizado, pois ao aproximar-se o fim da vida, conseguia calar dentro de si a voz que continuava indagando: Como? Quando? Onde? Por quê?

Retrato fiel do homem que vencera muitas batalhas, mas que perdia aquela que mais lhe importava: a paz. Apresentava aquele Jésus, cada vez mais intrigante, taciturno, introspectivo; até que o acontecimento viria fincar nova marca em seu espírito já tão sofrido, mas que, a contrabalar a Justiça Divina, permitir-lheia dar novo rumo à sua vida.

Sua companheira querida, que tantos testemunhos de amor lhe havia dado e com a qual tinha uma união de 12 anos, 11 dos quais em Asilos de Hansenianos, finda sua existência na terra por uma doença dura e impiedosa moléstia – câncer no útero.

Poucos homens podem regozijar-se de terem encontrado numa mulher tantos tesouros de dedicação e renúncia como Anita Vilela sobrejuntamente o demonstrou a Jésus. Numa época de moléstia de hansenismo afastava amigos e parentes, e seus portadores eram tidos como desprezíveis e abjetos, esta mulher renunciou à sua juventude e beleza, e após inúmeras idas e vindas junto à Saúde Pública, mesmo sendo sã, internou-se nos sanatórios em que Jésus esteve, para não faltar com o apoio de companheira. Ao depararmos-nos com esta situação, inusitada

lembramos-nos de Livia, do romance "Há Dois Mil Anos", ao dedicar sublime mú: amado, o senador romano Públio Léntulus:

"Alma Gêmea de minh'alma,
Se eu te perder, algum dia,
Serei a escura agonia
Da saudade nos seus véus...

Se um dia me abandonares,
Luz terna dos meus amores
Hei de esperar-te, entre as flores
Da claridade dos céus..."

Como se já não bastassem os doces sacrifícios de Anita por Jésus Gonçalves, eis própria vida esta oferece, para que Jésus descerrasse a espessa cortina de sua ignorância Foi com seu desencarne que começaram a ruir dentro de Jésus as bases ateístas qu sustentar.

Assim, aos 3 de março de 1943, ao velarem o corpo de Anita, Jésus Gonçalv companheiros de Pirapitingui se vêem subitamente perplexos diante de surpreendente cena interna que há poucos dias havia-se casado com Jaime, filho de Jésus, diz estar vendo o corp falecida e depois, tomada der terror e espanto, já que pela primeira vez – e segundo s relato, a última – tratava contato com um fenômeno mediúnico, passa a gritar histericamente nas costas de um dos presente – Biguá, ex-jogador profissional de futebol, já desencarnac cena grotesca pelas proporções de escândalo que atingiu, mas ao mesmo tempo, verdaç autêntica, pois nunca se poderia conceber que a protagonista, jovem de 17 anos, ainda e seus sonhos de ventura e felicidade, estivesse forjado tal situação. A cena perdura, entre momentos de lucidez e transe mediúnico de Mafalda, até que, sem preparo para viver tal : retirada do local por Jaime. Jésus, então, censura severamente Jordelina, médium presente que utilizava-se do passe e água fluídica para acalmar a recém-casada Mafalda. Desgost falecimento da esposa e com o clima de mistério que se formara no ambiente, repreende: - ' de pactuadas comigo. Tudo isso é bobagem! Deixe de feitiçaria, Jordelina!". Logo, Jordelina L Silva, médium incorporação, se predispõe a servir de intermediária para que houvesse a ma do Espírito e, apesar da incredulidade de Jésus, a mensagem vinha trazer do Além. chamamento que durante 40 anos não encontrara eco em seu coração. Em linguagem basta dos dois, assim se dirige a ele: - "Velho, não duvides mais. Deus existe!".

E prosseguiu sua conversação em termos que impressionaram bastante Jésus íntimo das confidências trocadas.

Passada a indignação inicial, o materialista Jésus se sentiu sobremaneira impr no entanto, de espírito ponderado e analista, não se deixou levar pelo primeiro impacto d mas consultando a razão, foi buscar nos livros espiritistas explicações para o sucedido.

O Céu e o Inferno, de Allan Kardec, foi o marco inicial da grande transformaç se operar dali em diante, na vida de Jésus Gonçalves. Porém, o fato que culminou com a conversão aconteceria poucos dias depois, conforme relato de seus contemporâneos de Pirapi

Estava Jésus Gonçalves, como sempre, às voltas com sua dor no fígado, só que ela se apresentava bem mais forte que de costume. Então ele, no auge do sofrimento, resol por aquele "Deus" de que tanto falavam e ele recusava aceitar. Logo, num extremo recursu inoperância dos medicamentos que tomava, retirou um copo de água da talha, colocou-o n cozinha e disse, prática e resolutamente:

- Se Deus existe mesmo, dou cinco minutos para que coloque nesta água um re me alivie a dor! E marcou no relógio... Cravados os cinco minutos foi beber a água e qual r surpresa quando esta se apresentou totalmente amarga. Impressionadíssimo, chamou um co para provar aquela água e a da talha, e este por sua vez provou e sentiu a diferença. Esta louco? Seria uma alucinação ? Estaria enfeitado?... Mas a dor não lhe deu tempo para pens Gonçalves não se fez de rogado: ao olhar espantado do amigo; sorveu a grossos goles o intuito de aliviar a dor que não transigia.

Não demorou mais que dois minutos para que o efeito se fizesse sentir e Jésus i sem folga para refletir sobre as emoções dos últimos instantes, corre para o banheiro, (

tempo para acomodar-se. Ao sair dali J3sus – j3 já sem dores – entre agradecido e curioso passa a reexaminar suas bases materialistas e nos dias seguintes sofregamente se dedica ao estudo das obras de Kardec, Denis, Flammarion, Bozzano e outros, completando assim a convers3o no inicio no vel3rio de Anita.

A Anita, pois, dedicou este bel3ssimo poema:

Partiste! Para o 3ltimo recanto!
Mentira a mim parece essa verdade.
Passaste a residir no Campo Santo
E eu 3 que fiquei na soledade...

Partiste!...no esplendor da mocidade,
Deixando-me j3 tr3pego e sem canto...
Em teu lugar ficou dona saudade,
A recordar-me quem recordo tanto!

T3o boa foste, que provar quiseste!
Mesmo depois de morta, num transporte,
Falaste-me da Paz Celeste!

Ent3o pus-me a pensar, desde a partida
- Vou precisar de ti depois da morte
mais do que precisei durante a vida!

Acenava-se nova vida para aquele l3zaro redivivo. Ressurgia das entranha resse terras 3ridas do materialismo, para desabrochar em eloq3ente representante do Reino do S3 na Terra. As lagrimas que se lhe rolavam pelas faces deformadas e ulceradas, n3o representam o desabafo desconsolado, mas o rompimento do jugo das insatisf3o3es e incertezas que o at3am s3o as criaturas. O "Ves3vio" abrandara-se dentro de J3sus. Novos rumos, nova raz3o de viver, novos joelhos o ateu arrependido ante a soberania do Pai. Tombam os conceitos fr3geis, desmoronam-se os ideais ileg3timos e desatrelam-se as amarras da ignor3ncia espiritual, para dar lugar ao amor o qual todos fomos criados: o amor a Deus.

A Doutrina Esp3rita, saciando-lhe a sede de explica3o3es, fez-lhe beber nas fontes e do bom senso, a 3gua l3mpida da verdade. A verdade que est3 dentro de n3s, e , quer acreditemos ou n3o, dela n3o fugiremos jamais. 3 a verdade que cont3m a equidade est3 adstrito todo o conhecimento universal: "n3o existe efeito sem causa assim como o ato inteligente deve ter uma causa inteligente. E se o Universo compreende um conjunto de seres inteligentes, logo a Causa que os produz tem que ser Inteligente.

A essa Causa chama-se Deus".

"Se a vida 3 uma escola" – dizia ele – "reconhe3o agora estar em uma de aben3oadas classes: o lepros3rio".

DA CONVERS3O AO DESENCARNE

Falta (1943)

Hosana! Eu j3 encontrei o grande Bem,
Em cuja busca fui judeu-errante.
3 o facho luminoso que cont3m
A luz que me ilumina a todo instante!

E ele est3 na vida e mais adiante,
Dentro da morte, nas mans3o3es do al3m...
Est3 no amor...Est3 na f3...Perante
Os dois altares que esta vida tem!

Pois, nem a vida é sonho e a morte o nada.
O amor é luz; a Fé o santo meio
De tornar esta luta compensada!

Por isso eu sigo...nos caminhos meus,
A procurar em tudo quanto creio,
A coisa que faltava e...que era Deus!

(Jésus Gonçalves – “Flores de Outono” – ed.Lake)

A “Estrada de Damasco” surgia, enfim, na trilha deste homem. A princípio, o geral, pois era sobejamente conhecida sua posição de materialista convicto, mas com o tempo seus amigos mais diretos se juntaram, a ele, não só pela influência que Jésus exercia, mas porque àquela época muitos já freqüentavam e se interessavam pelas reuniões espíritas lá na clandestinidade. Jésus Gonçalves tinha conhecimento, vez por outra de sua realidade, adotava uma atitude de passividade ante as mesmas, procurando ignorá-las, não as censurando sempre foi traço de seu temperamento não interferir no livre-arbítrio dos outros.

O respeito às leis e às normas do Hospital fizeram com Jésus aguardasse oficializar a permissão da prática do Espiritismo lá dentro e poder, com isso, normalizar as reuniões espíritas, franqueando-as a todos os internos. Assim, deu entrada em Requerimento acomprometendo o Estatuto que viria reger as atividades da futura “Sociedade Espírita Santo Agostinho”. Havia muitos obstáculos. O preconceito e o descaso a Jésus Gonçalves grandes barreiras antes de sua vitória na tarefa abraçada e as primeiras reuniões evangélicas foram realizadas no prédio do Hospital em meio a incompreensão e ingratidão, embora suportadas com humildade e paciência, não conseguiram mudar o ânimo e o novo sentimento de viver que se apoderara de Jésus. Ele já se inteirara de que as realizações espirituais só são alcançadas a par de muito esforço e sacrifício.

Grafara bem a passagem do Evangelho que assevera que não basta dizer Senhor! Para entrar no reino dos céus. Seria necessário suportar todos esses instantes, que ele suportava, com muita resignação; amando e servindo sempre, pois, é na escola do trabalho que se forjam as grandes realizações do espírito. A fé que tanto demorara a chegar, enraizara-se de tal forma que nada poderia impedi-lo de levar adiante seus intentos.

Numa sociedade em que se vivia um clima de revolta reprimida e era admissível apenas prazeres e diversões, que anestesiavam as feridas do espírito, Jésus procurava, agora, despertar uma noção de justiça e de submissão à dor e aos desígnios de Deus, além de alargar os horizontes de compreensão dos internos para as necessidades de melhoria da vida comunitária no Hospital.

E assim, com o primeiro passo dado, a semente do Cristianismo Redivivo estava germinando. Aos poucos começava a florescer prova da hanseníase. Jésus Gonçalves, o grande comandante desta empreitada, o mesmo Jésus que, no crepúsculo da existência terrena se bandeou para Cristo, “despindo o manto régio e vestindo a estamena da pobreza”, recusa-se, após a convocação para aceitar que o chama-lo de “mestre”, velho costume de muitos companheiros de Pinduca nascido devido à sua reconhecida superioridade intelectual e temperamento de líder; pois ele que “mestre” havia um só; importava colocar-se em posição de subalternidade a ser tidopor apagado servo do Rabi da Galiléia. A autorização para o funcionamento de um Centro Espírita em Pirapitingui é finalmente concedida; a partir desse instante, volta Jésus toda sua atenção para a construção de um salão onde pudessem ser desenvolvidas as suas atividades.

A necessidade da construção da sede obceca-lhe a mente. Sua preocupação passou a esquematização de uma campanha de arrecadação de fundos e para isso constitui uma comissão por ele próprio presidida e composta por outros elementos já espíritas: a família Paradello, Orlando e Manuel (Pinduca); Allípio Bastos, Salviano Siqueira Martins José Tardelli, José Biagione, Augusto Lopes Bernardino, Emílio Sotelli, Armênia Raixa Fanchin, mais adiante J.H. Mas, por onde começar, já que todos tinham renda mensal baixa, insuficiente mesmo para o sustento?

Na verdade, o entusiasmo era grande mas Jésus logo se conscientizou de que era impraticável amealhar os fundos necessários internamente e por isso inicia intensa campanha de conseguir donativos entre companheiros de Doutrina de diversas cidades do mesmo Estado de Janeiro.

Cartas e mais cartas foram escritas de próprio punho com indescritíveis

informando à coletividade espírita do desejo da implantação do Espiritismo naquele H mesmo tempo, exortava os irmãos de Doutrina a apoiarem material e espiritua empreendimento.

Não tardaram as respostas, emprestando solidariedade moral e material à C Jésus conseguia, assim, revolucionar o movimento espírita da época, que exultava diante da Para gáudio do internos do Hospital, numerosas Caravanas Espíritas, vindas de todos os Estado, lá aportavam aos domingos e permutava, felizes momentos com eles, interrompen solidão daquelas criaturas até então desprezadas e incompreendidas por uma sociedade mal a respeito da doença de Hansen.

Essas caravanas pioneiras tiveram o mérito, também de abrir novas frentes d aos praticantes da Doutrina, além de incentivar outras religiões e promoverem o mesmo tip fraterna. Entre os espíritas, dos muito que passaram a freqüentar assiduamente o Sanatório, das restrições vigentes na época, poderíamos citar: de Sorocaba, José Câncio, Benedito família Alburquerque (Romeu, Laura e Ivan); de São Paulo, Marina Tricânico, Esteva Quaglio, Zaira Junqueira Pitt, Romeu de Campos Vergal, Pedro de Camargo (Vinícius), José Pereira C Apolo Oliva, B.Cordeiro, João Batista Dinoto, Herculano Pires e esposa, João Lopes; de Omar da Silva Pinto, Pedro Bertolini, família Joly, Irmãs Walder, Urubatão Pitta, Walter Acorsi, Max e JULINHA Thekla Kohleisen; de Campinas Honoré Tounilez, Manoel Guilhen Ga Rosa; de Itu. José de Arimatéia e seu grupo; e muitos outros.

Dois desses freqüentadores, o casal Orlando e Zaira Junqueira Pitt, espíritos de responderam ao chamado do apóstolo de Pirapitingui, junto de valoroso grupo de seareios passaram a freqüentar amiúde o Asilo-Colônia de Pirapitingui, indiferentes às críticas recebidas de fé e caridade cristã, tão revolucionário na época. Condoídos com a situação daqueles seres prova da Hanseníase, desvelaram-se na assistência material e espiritual em Pirapitingui, t por realizar grande sonho de há muito acalentado pelos internos do Hospital: a construção Pavilhão para aqueles cuja doença atingisse a visão. Até hoje o "Pavilhão de Olhos" i Pirapitingui reverencia seus benfeitores, introduzidos lá dentro graças à amizade com Jésus G

Interessante registrar, no entanto, a peculiaridade do grupo de caravaneiros de cujas Caravanas eram organizadas pela Sociedade Piracicabana, presidida na época por Ism Corazza (de crença protestante), uma Sociedade Ecumênica que unia esforços gerais no Assistência Social. Em suas visitas a Pirapitingui, essa Caravana chegava a levar 10 a 12 lotados de mantimentos, roupas e até mesmo bois galinha, porcos e outros animais vivos, de procriação e que se constituíam em precioso donativo. Em lá chegando, os caravaneiros di indo cada um para os respectivos templos de sua crença. Após as atividades religiosas, reur prédio do Cassino para Confraternização Geral e apresentação de shows por visitantes e visita

Vale ressaltar que essas visitas tiveram início graças à atuação de Jésus Gonçalves acredita-se o mérito da abertura dos portões de Sanatórios de Hansenianos a visitas estrangeiras parte de pessoas que conseguem penetrar no drama milenar pelo qual passam esses nos: em Humanidade e que desejam dar um pouco de si em prol do seu próximo, como recc Mestre dos Mestres.

Oito meses foi o tempo gasto na construção do Centro que época custou aos "Sociedade Espírita Santo Agostinho" a substancial quantia de trinta mil seiscientos e vi cruzeiros e dez centavos, sendo inaugurado em 16 de dezembro de 1945, com a presença de elementos de projeção da família espírita e de todos aqueles que souberam reconhecer em espírito empreendedor, idealista e, sobretudo, de sentimentos nobilitantes e puros.

A primeira Diretoria da Sociedade foi assim constituída: Presidente, Jésus Gonçalves Salviano Siqueira Martins; Tesoureiros, irmãos Paradello; Secretário, Augusto Lopes Bernardi

Neste período, Jésus une-se a nova companheira, Isabel Laureano, a quem pou antes a doença havia imposto a cegueira. Ela era médium vidente. Essa feliz união perdi desencarne de Jésus Gonçalves.

Sofrer conseqüências do passado através de provações como a hanseníase é n para aqueles a quem a compreensão ainda não atingiu luminosidades espirituais libertador como era carinhosamente chamada por todos, já havia adquirido essa fé de libertaçã conheceu Jésus, mas foi com a comunhão de idéias que os dois se uniram.

Companheira de todas as horas, era para Jésus o apoio de que este necess empreender sua missão junto aos irmãos hansenianos. Apesar de cega, foi ela que criou cozinha que servia sopa diária aos mais necessitados do hospital. Mediante tamanha d carinho, Jésus lhe dedicou em vida os seguintes versos:

Você nasceu de um laço de amizade.
Cresceu nos braços da simpatia
e veio a ser o amor-sinceridade
que veio a ser meu pão-de-cada-dia.

Depois... sofria ao vê-la e se a não via,
porque só o querer vê-la era impiedade.
Não vê-la era sofrer de agonia
que leva o lindo nome de saudade.

Enfim nos encontramos no caminho.
Guiados pelo amor que é força e vida,
Achamos, afinal, nosso cantinho...
E como a quero, assim você me quer!
Chego a pensar ser irmão, querida...
E você ser irmã, sendo mulher!

Criatura de valor, com seus esclarecimentos espirituais, reconhecia ser um espírito a um passado nebuloso, prenhe de experiências malogradas. Por isso, não desdenhava a Deus a oportunidade de estagiar naquele lazareto e, ante as cruezas do cotidiano, lembrava conduzindo o fardo bendito da lepra, alforriava-se dos naufrágios de outras vidas. Conta a mim certa vez, ela e Jéus haviam saído para fazer uma palestra em São Paulo e na véspera foram surpreendidos por uma chuva torrencial. Ao passarem por uma plantação de eucalipto, Gonçalves avistou um homem com o peito nu, as calças esfarrapadas e tirintando de frio. Tirou sua camisa e paletó, ficando só de camiseta, e foi cobrir o homem semi-despido.

Este suplicou-lhe que o levasse para casa, ao que Jéus respondeu:

“Meu irmão, não tenho lar. O universo é meu lar. Todos são meus irmãos, todo o mundo é meu país. Não posso levá-lo comigo, porque meu lar é um leprosário.”

Quando Jéus Gonçalves chegou a Pirapitingui semi-despido, o médico de família Dr. Marcelo Guimarães Netto, disse-lhe:

“Você está louco? Está querendo suicidar-se?”

Jéus explicou, então, o ocorrido, ao que o médico retarguiu:

- “Este homem não é deste mundo! Jéus Gonçalves é a alma mais piedosa que eu já conheci.”

Certa ocasião encerrou-se a realização de um trabalho de materialização “Agostinho” que, embora tenha se desenvolvido a contento, provocou o seguinte comentário dirigido apenas aos mais chegados: *Aos que ainda não estão na fé espírita, estas sessões para lhes aumentar as dúvidas, já que as condições de total escuridão e outras, acrescentam mais restrições à incredulidade.*

A sessão, promovida pelo grupo do casal Pitt, de São Paulo, teve a presença de duas assistentes, pois foram distribuídos apenas 40 convites. O método utilizado foi o que normalmente se usa nesse tipo de trabalho. O médium ficou trancado à chave numa cela no lado esquerdo da sala, com uma luz tênue que acendia e apagava alternadamente.

Dois espíritos manifestaram-se. O de menino e o de um hindu. O hindu cumprimentou as pessoas dando a mão para algumas, como por exemplo Jaime, filho de Jéus que, apesar de não ter recebido a impressão de realmente se tratar de um Espírito materializado. O que mais o impressionou na ocasião, foi a pedra que materializaram e ofertaram a ele como presente! O Espírito dirigiu algumas palavras íntimas para D. Laurinha Albuquerque, também presente à sessão. Outras citações dignas de citação transcorridas nos trabalhos foram o chocalho que um dos Espíritos portava que estava na vitrola, que foi enrolado e depois desenrolado por eles – e ainda tocado novamente na vitrola!

Jéus aceitava este tipo de sessão, porém não acreditava que ela pudesse convencer as pessoas sobre a realidade espiritual.

Um dos problemas enfrentados junto aos internos do Hospital por Jéus era a realização de sessões familiares evocando os espíritos para orientação pessoais, Jéus, fervoroso defensor

doutrinária, várias vezes, viu-se às voltas com elementos obsidiados ou iludidos por zombeteiros. Esses dissabores, ele os tinha amiúde, mas tornou-se notória sua notória sua com Lupércio Gobbi, enfermeiro do Hospital, que insistia nessas práticas não recomendadas.

Havia em Pirapitingui àquela época, um padre católico, de nacionalidade alemã Othon, que fazia ferrenha oposição às atividades desenvolvidas pelo Centro Espírita e Gonçalves.

Este sacerdote, ortodoxo mesmo nos parâmetros de sua própria fé, permanecia constantemente com os espíritas, mas encontrava a indiferença de Jésus, mais preocupado com os afazeres da Doutrina do que com a oposição e as diatribes do padre.

Já outro sacerdote católico, Plínio Gonçalves de Freitas, gostava bastante de Jésus por ele amizade sincera que pendurou mesmo após a conversão.

O ministro protestante Johnson também não investia diretamente contra o prelo da Sociedade Espírita Santo Agostinho, porque a seriedade e responsabilidade com que Jésus cobria as obras da Doutrina não davam margem a que lhe assacassem calúnias.

Amava o trabalho e era irrepreensível em sua fé. Acima de tudo, era muito respeitado e sua credulidade perante os outros internos do Hospital viu-se fortalecida quando a ocorrência foi protagonizada por ele. A cadeia do Hospital estava abrigando um "louco", que de "alta periculosidade" não podia ficar no Pavilhão devido, isto é, o Psiquiátrico. Jésus, ao ser condoído com o sofrimento do companheiro e sendo comunicado pelas entidades espirituais de um caso de obsessão, dirigiu-se para lá e incitou o carcereiro a soltar o "doente". Antes deste, foi até a diretoria do Hospital, que depois de muita relutância, permitiu a soltura mediante a assinatura de um termo de compromisso. À hora marcada por Jésus (18 horas) o "doente" foi solto e dirigiu-se diretamente ao Centro Espírita para espanto do carcereiro e demais internos que haviam tomado ciência do fato. No Centro, recebeu a terapêutica do passe e participou de sessões de desobsessão que o libertou dos inimigos invisíveis. Grato ficou-lhe o Setor Psiquiátrico responsável pelo Presídio, mas acarretou um problema para a diretoria do Hospital, que precisava arranjar novas acomodações para o "louco" que voltava à vida normal...

* * *

Oradores de diversas localidades aportavam ali aos domingos e, entre eles, naturalmente cometiam falhas doutrinárias. Jésus, porém, nunca entrava em discussões doutrinárias e não interrompia, mas sutilmente, ao fim das exposições, fazia colocações de tal maneira que corrigia os erros e não magoava o visitante.

* * *

Todavia, com a evolução da doença, Jésus teve que rarear suas idas ao Centro, pois não conseguia construir uma casinha em seus fundos, para que ele lá morasse. Ao contrário do que afirmava, Jésus nunca foi carregado para o Centro, pois alegava "não querer transformar-se em espetáculo público"; já, sim, apoiado no ombro de seu mais constante companheiro no fim da vida, JH.

Deste modo, as reuniões da diretoria passaram a ser presididas pelo vice-presidente, Salviato Siqueira Martins, que tomava as decisões rotineiras e quando a ocasião o exigia, as reuniões de diretoria eram realizadas no quarto de Jésus, para que ele pudesse ouvir e opinar.

Com este esquema, proposto pelo próprio Jésus, as atividades assistenciais e de ensino do Centro não sofreram solução de continuidade, nem mesmo depois do desencarne de Jésus, aproximadamente, 1953.

* * *

A precariedade de seu estado físico aumentava a olhos vistos, o que fez com que o companheiro J.H. passasse a morar com ele, servindo-lhe, dedicadamente, nos últimos meses de sua vida.

Apesar da deserção de alguns amigos quando se converteu ao Espiritismo, Jésus recebeu uma grande demonstração de solidariedade da parte do Dr. Aníbal Garcia Adjunto, severo Diretor do Hospital-Colônia, que apesar da cegueira a que se via relegado, compensava esta deficiência com indiscutíveis dotes profissionais, aliados à grande capacidade de diagnóstico. Assim, Jésus beneficiava-se com a profunda amizade proporcionada pelo Dr. Aníbal que acolhia-o em seu lar.

pessoalmente, seu caso. Seu grande amigo no fim da existência terrestre, J.H., assim *Pude conviver bastante amiúde com Jésus, já que era praticamente sozinho na Colônia, e afeite ele como a um pai. Sua personalidade marcante, ainda hoje, é-me viva na memória, e o dizer é que era seguro em tudo o que fazia. Quando lhe faziam alguma pergunta, era c responder, analisando bem a resposta. Ponderava, sempre, profundamente, e era desprovido de crítica e suas respostas tinham sempre o intuito de ajuda. Em tudo o que dizia e faz implícitos os conceitos evangélicos, os quais norteavam sua maneira de ser e tratar as pe alegre mas, no trato das coisas da Doutrina, agia com muita seriedade.*

Um outro fato apresentou-se-nos verdadeiramente marcante. Lamentamos não este, ao conhecimento público há mais tempo, mas temos, conosco, a plena certeza de que, agora, marcará profundamente os corações dos espíritas que dele tomarem conhecimento.

Vinte dias, aproximadamente, antes de seu desencarne, Jésus Gonçalves, chagas esfogueantes e mutilações dolorosas, levanta-se e vai tomar parte, no domingo, d seria sua penúltima sessão espírita na "Sociedade". Sua voz já não saía mais, nem p palavras, pois a doença tinha-lhe destruído totalmente as cordas vocais. No entanto, a vonta o amor à sua gente fez com que, com incrível esforço, levantasse do leito e com apoio de marcar presença no Culto Público de domingo.

E então, as trezentas pessoas ali presentes, naquele dia, tiveram a oportu presenciar um dos mais impressionantes fenômenos proporcionados pela Espiritualidade. O: da Casa agindo sobre as cordas vocais de Jésus, devolvem-lhe para espanto geral e até de s voz. A princípio, vem um pouco rouca nas primeiras palavras, mas depois, pura e cristalina que Jésus Gonçalves naquele dia, proporcionasse à platéia ensinosa evangélicos da m eloqüente explanação já realizada pelo apóstolo de Pirapitingui.

Durante quase duas horas, passada a surpresa inicial, a atenção daquela gente ao verbo daquele legítimo Apóstolo da Verdade. Mas a emoção não acabaria aí; ao findar sua Jésus perde novamente a voz.

No domingo seguinte, Pirapitingui, já despertada quanto ao acontecime movimentou durante a semana, ocorreu em peso ao Centro, para atestar se novamente c voltaria a ocorrer. Jésus Gonçalves, que permanecera a semana inteira sem voz, não se al perspectiva de a ter pedido definitivamente. Faz entender ao fiel amigo J.H. sua total confia novamente pudesse a falar.

Porém, o fenômeno volta a acontecer para espanto de todos Jésus fala outra ve vem clara, normal e transmite a última mensagem evangélica, aproximadamente quatro ou antes do desencarne.

* * *

Sua vida estava, pois, próxima do fim. Jésus dirige-se a J.H., pedindo-lhe p sentasse à sua cabeceira e apontando para a parede em frente, pergunta-lhe:

- *Não estás vendo o vulto na parede, envolto em um círculo branco, a me sorrir?* e, ante a negativa de J.H., que sabia estar Jésus vendo com os olhos do Espírito lhe acontecia, deixou-o continuar: *Veja, eu o conheço. É o Dr. João Abílio Gomes, que foi n em Aymorés...Veja como ele me olha fixamente e sorri!*

* * *

Com a evolução da doença, que já havia transformado seu corpo em verdade humano, carcomendo sua narina e deformando sua face, acelerou-se também o processo d de uremia que havia deflagrado desde algum tempo. Seus rins já não conseguiam eliminar c corpo, fazendo com que se acumulasse no estômago. Consultado a respeito, Dr. Aníbal rec que seria apenas um paliativo e não uma solução: retirar a água pelo próprio ventre.

O enfermeiro que iria utilizar este método preveniu o doente: *Jésus, vai doe mas somente a picada,* o que obteve a concordância com um simples sinal de cabeça e a r músculos. Após a agulhada, estampou-se-lhe no rosto, já todo desfigurado, o incrível causado pela dor. Ante o olhar de compaixão de J.H., que parecia sentir na própria carne o que se abatia sobre o companheiro, assim se expressou: *Veja, J.H., como sofre um cristão!*

Esta frase, longe de significar um grito de desespero, representava o brado de da alma de um cirineu que transbordava de alegria no fim de sua existência árdua e espinhos

Alguns dias se passaram. E Jésus compreendeu a quase inutilidade daquele p

eliminação do líquido. Sentiu que de pouco adiantaria retirar-se o acúmulo se o trabalhavam mais. Então, com a aquiescência do Dr. Aníbal que vislumbrava a "partida" de daí a pouco, não se repetiram mais as agulhadas.

E assim, aos poucos, apagava-se a estrela do apóstolo de Pirapitingui.

A simples enumeração dos fatos sintetizados nesta biografia justificam a ad quantos o conheceram.

Dois homens viveram em um corpo só, segundo sua própria definição. No en nos permitiríamos um reparo nesta análise, dizendo que houve sim, duas fases de um mesr mas não dois homens, pois ao examinarmos o passado brilhante de Jésus, a retidão de car caracterizava e outras qualidades nobres, este já denotava ser um Espírito cristianizado e qu "véu do esquecimento" o fizera passar pela escuridão espiritual que predominou quase toda s

Ao tomar o corpo de Jésus Gonçalves, seu Espírito já aceitara conscientemente hanseníase, por sabê-la a única capaz de compensar-lhe os erros do pretérito e de redimi-lo Lei de Deus. Aprendera ele a distinção entre o justo e o injusto, o lícito e o ilícito e, nos qua arbítrio que lhe foi permitido manipular a propósito de seu destino, corajosamente retror carnal com o voraz bacilo de Hansen, pronto para deflagrar na época aprazada. Ao co portanto, nada mais fizera do que viver o papel necessário ao seu aperfeiçoamento, porqu sofrer lentamente as mutilações do corpo físico e a virulência de seu mal sem a suste formação cristã de seu Espírito, entregara-se no fim da vida, humildemente, à causa terminando por este último ato, a desfazer-se dos derradeiros traços de orgulho e vaidade q realçavam no guerreiro Alarico.

Senhor, porque demoraste tanto a chegar? Indagava mentalmente aquele h intermédio das intensas atividades de benemerência que desenvolvia junto a sei pirapitinguanos desta encarnação; antigas fileiras de conquistadores destemidos, cuja coragem somente agora estava sendo colocada à prova. Sim, porque a verdadeira superiorid física, numérica, mas aquela capaz de suportar com o coração aberto à indulgência e ao p ofensa e agressão. Deus nos examina pelas cicatrizes e não pelos títulos ou diplomas; as nós as conquistamos, mas os segundos, Ele nos empresta para que aprendamos a tornar-n de valor. E um homem de valor dá mais vida que dela recebe, Alarico, o leproso, não soub vezes aproveitar a oportunidade que o Criador lhe emprestara e para cá teve de retornar c Gonçalves, o rei, conforme seu espírito trocadihou em comunicação mediúnica.

Aquele Jésus angustiado, vazio, muito embora o prestígio que alcançara e qu dentro de si o grito de libertação de uma alma profundamente cristianizada, já não suporta limites terrenos de sua formação analítico-materialista. Desprendendo-se das bases do ma hauriu forças para levar adiante o ideal espírita cristão.

A dois ou três dias de seu desencarne, Jésus viu-se repentinamente invadid alegria inenarrável e apesar das grandes dores que previa iriam abater-se sobre si ao locc pediu a J.H. que o levasse para o terraço. Desejava contemplar a beleza da vida e admirar su queridas, - as rosas - no jardim de sua casa. Espirando o olhar cansado sobre o jardim, natureza:

*Oh! Par de rosas formosas
Que eu vejo perto de mim;
Quem vos fez assim cheirosas,
Fez muitas flores assim.*

*A natureza enfeitando,
Sois úteis trabalhadoras,
Pois conservais meditando
As almas mais sonhadoras.*

*A vossa vida ligeira
De ostentação resumida,
É uma lição verdadeira,
Do que há no mundo e na vida.*

Na sua forma exterior,

*Tudo no mundo é fugaz,
Tudo tem vida de flor
Que o tempo vem e desfaz.*

*Da vossa curta experiência,
Do curto brilho em que estais,
Floresce a mais pura essência,
Que não se extingue jamais.*

*É Vosso aroma e perfume,
Qual delicado troféu,
Que vossas vidas resumem
Eu outras flores do céu.*

*Assim as coisas do mundo,
Não são o luxo, a vaidade;
Sim o que vive profundo,
Na vida da eternidade.*

*Também na grande passagem,
Da vida humana agitada,
Não há apenas miragem
Temendo a sombra e o nada.*

*Dentro do homem palpita,
Um outro homem mais puro.
Ser que bate e se agita,
Para escapar do monturo.*

*Oh! Rosas, rosas de amores,
Senhoras dos versos meus,
No fundo tudo são flores,
A caminhar para Deus.*

Depois deste último arroubo de inspiração em vida, num quase delírio poético, v o leito, de onde seu veículo físico já alquebrado pelas lutas intensas que enfrentara, não levantaria. Foram, assim, seus derradeiros instantes: marcados pela presença inseparável sua companheira, seus amigos do coração e principalmente de J.H., o amigo todo fiel, em cu Jésus desencarnaria. Compreendia o apóstolo de Pirapitingui que a Sublime Passagem estava Era necessário naqueles últimos instantes dar o testemunho de sua fé, em que seu rosto com os daqueles que o rodeavam, pois sabia ele que "palavra sem exemplo é tiro sem pólvora" embora mais preparado para este momento, o próprio espírito vê-se um tanto eclipsado ante a separação física; não dúvida após a morte, mas pela lei natural dos laços terrenos e pelo permanecer sempre fisicamente com os entes queridos.

Jésus entendia isso mais do que ninguém, sua alma que souberaabençoar e suplicios qual dádiva do Criador, procura não dar mostras de seu sofrimento.

Embora ainda a vida se fizesse presente, o invólucro, já imóvel, aguardava o momento do desprendimento do Espírito para a entrada na Verdadeira Vida. Mentalmente, o Apóstolo de I bendizia ao Pai o corpo ermo e cansado, marcado pelas "feridas com que lavara os erros das vidas".

Sua fisionomia, como sempre o fora, permanecia serena, repassando a vida desde a iniciada na infância difícil de Borebi e que se extinguia, agora, naquele "leito de dores rodeado dos amigos queridos dos dois lados da vida.

É imensa a tranquilidade que o envolve. Como num antagonismo de beleza e realidade nem os amigos à sua volta impediam-no de tamborilar com os dedos, na barriga, sua

preferidas, como era seu costume. Como explicar tamanha serenidade? Era a coerência Doutrina que abraçara, ou seja, a certeza de que a vida não se finda com a morte do corpo, mas o princípio. Não temia a passagem, pois sabia-se consciente cumprida. Não conseguia sequer abrigar angústias ou mágoas das muitas injustiças que a vida.

Lentamente, o apóstolo sentia-se entrar no gozo de suas reais faculdades, já que o corpo físico, extremamente debilitado, não mais conseguia reter seu Espírito. Percebia-se cada vez mais denso e o fulgor dos benefícios que plantara vinha-lhe agora, em forma de inexprimíveis serenidade e paz e reconhecimento. Os esplendores das visões celestiais lhe extasiavam o Espírito e a sensação de bem-estar penetrava-lhe alma a dentro. Nesse momento, tão difícil de definir-se, vai-se quietando, o "manto das feridas" já não o tortura com a mesma intensidade, pois dos Amigos Espirituais transmitia às feridas entreabertas fluídos e alívio merecido.

A recepção para o renascimento estava pronta. Adormecia ele agora, o Apóstolo Pirapitingui, para acordar mais tarde no Plano Maior da Vida. Findara a dor terrena. Jesús, agora, tem a noção de tudo quanto praticara em sua vida corporal.

Inebriava-lhe a calorosa recepção que os amigos do Plano Espiritual lhe dedicavam. As vistas reconheciam a presença de companheiros de outras vidas. Sorrindo, o Apóstolo estreitava-os como se regozijassem pelo fim de uma grande batalha campal que tivessem vencido – mas havia, na realidade, sido uma batalha de conquistas de Alarico, o leproso... havia sido, na realidade, batalha de conquistas de territórios espirituais de Jesús, o rei ... e por isso, o corpo do Apóstolo, sanguinolento e coberto de feridas semi-abertas, representava o troféu com o qual, ele, agradecia ao Criador seu empréstimo...

Ah! Se seus irmãos hansenianos pudessem sentir um pouco do que estava sentindo, as palavras já não lhe saíam mais de Jesús Gonçalves, missionário da Espiritualidade, o Apóstolo Pirapitingui, retorna, agradecido, jubiloso, à Pátria Espiritual!

Hosanas! Hosanas! É o homem despojado do peso corpóreo, caminhando novamente nas estradas de luz da Eternidade...

*Irmãos, cheguei contente ao Novo Dia
E ainda em pleno assombro de estrangeiro,
Jubiloso, saltei de meu veleiro
No porto da Verdade e da Harmonia.*

O POETA DESENCARNADO

*"oh! Rosas, rosas de amores,
senhoras dos versos meus,
no fundo tudo são flores,
a caminhar para Deus."*

Dentre os muitos espíritas com que mantinha correspondência, Chico Xavier era quem não tiveram oportunidade de relacionarem-se pessoalmente, apesar do desejo de ambas as partes. Reiteradas vezes Jesús afirmava em suas cartas que ao desencarnar iria visitar o Chico. Isso aconteceu, e é o próprio Chico Xavier, que na obra "no Mundo de Chico Xavier" de Elias Barboza descreve o encontro:

Não cheguei a conhecer Jesús pessoalmente, mas mantivemos uma correspondência regular por dois anos consecutivos.

Achava-se ele em tratamento em Pirapitingui, quando passou a comunicar-se através da bondade de nossas irmãs D. Zaira Junqueira Pitt e Julinha Kohleisen, ambas residentes em São Paulo. Ele me escreveu um bilhete amigo e respondi. Desde então, habituei-me a receber o conforto que as palavras dele me traziam. Edificavam-me ao receber-lhe as observações. Conquanto vítima de moléstia pertinaz, era um exemplo de coragem, de resignação, de tranqüilidade e fé viva. Dava-me tantas lições de paciência e compreensão que, muitas vezes, os recados e cartas dele para mim representavam mensagens de Vida Superior. Em muitos dos pequenos avisos enviava dizia que, ao partir da Terra, pretendia ir ver-me em espírito. Em algumas ocasiões, retratos dele atendendo aos meus pedidos, e, porque a moléstia lhe impusesse algumas

fisionômicas, costuma escrever-me com bom humor: "Irmão Chico, se você notou a diferença de uma fotografia para outra, isto é da máquina, porque continuo sempre o mesmo. Na minha parte, respondia, procurando encorajá-lo, se bem que reconhecesse que ele era um a bom ânimo para mim. Acontece, porém, que, em se desencarnando, se não me engano, em 1947, nosso caro poeta veio, efetivamente, ao nosso encontro como prometera.(...)

Isso se verificou da maneira mais comovente para mim. Antes de narrar o sucedido, para melhor entendimento do que vou contar, que ele, na última carta que me enviou, da desencarnação, mandou-me um retrato – o derradeiro retrato que tive do inesquecível a qual aparecia com algumas alterações na face e numa das pernas. Compreendi que a morte progredia sempre, e guardei a foto entre as minhas recordações mais queridas. Depois da essa lembrança, algumas semanas passaram sem que eu recebesse novas notícias dele. Acabou numa noite do mês de março de 1947, não me recordo, exatamente, da data precisa – com o Pedro Leopoldo os nossos amigos Sr. Francisco de Paula Cardoso, que residia em Santa Cruz do Pardo, Estado de São Paulo, e Dr. Raul Soares, atualmente diretor residente no Lar Anália da cidade de São Manoel, no mesmo Estado. Era uma terça-feira, em cuja noite não tínhamos o Centro Espírita Luiz Gonzaga. Por isso, os dois citados e eu deliberamos ir à sede do grupo, que se situava no lar de minha cunhada Geni, viúva de meu irmão José Cândido Xavier, a fim de ir juntos. Sentei-me entre os dois. Dr. Raul Soares fez a prece e, daí a minutos, Emmanuel se apresentou conosco. Terminada a mensagem do nosso querido orientador, quando me achava em concentração mental, vi a porta de entrada iluminar-se de suave clarão. Um homem-espírito apareceu aos meus olhos, mas em condições admiráveis. Além da aura de brilho pálido que o circundava, a luz não ofuscante, mas clara e bela, a envolver-lhe certa parte do rosto e da cabeça, ao mesmo tempo que uma das pernas surgia vestida igualmente de luz.

Profunda simpatia me ligou o coração à entidade que nos buscava, assim de ir indagando, mentalmente, se eu podia saber de quem se tratava.

O visitante aproximou-se mais de mim, e disse – Chico, eu sou Jésus Gonçalves e cumpri a minha promessa... Vim ver você!

As lágrimas subiram-me do coração aos olhos. Percebi que o inolvidável amigo me deu uma luz mais intensa nas regiões em que a moléstia mais o supliciara no corpo físico, e quis dizer-lhe a minha admiração e de minha alegria. Entretanto, não pude articular palavra alguma nem ter um pensamento.

Ele, porém, continuou:

- Se possível, Chico, quero escrever por você... dar minhas notícias aos irmãos e agradecer a Deus as dádivas que tenho recebido...

Para não custar, perguntei a ele, ainda mentalmente, o que pretendia escrever, que eu na minha parte, falar alguma coisa, porque eu ignorava que ele houvesse desencarnado e não queria esconder o meu jubiloso espanto.

Ele abraçou-me. Em seguida, colocando-se no meio da pequena sala, recitou o que eu ouvia, mas não guardava na memória... Ao terminar, pareceu-me mais brilhante... Notando que o Sr. Francisco de Paula Cardoso e Dr. Raul Soares começavam a partir com o pranto que eu não conseguia conter, rompi a expectativa, perguntando ao Dr. Raul Soares se ele tinha conhecimento da desencarnação do amigo que ali se nos apresentava. Ele e o Sr. Cardoso responderam negativamente. E como eu dissesse que ele, Jésus Gonçalves, queria escrever, Dr. Raul Soares me disse que seria justo eu tomar o lápis e obedecer, prometendo que ele seguiria com o Sr. Cardoso e Pedro Leopoldo para Pirapitingui, a fim de averiguar o que havia de autêntico no assunto, mesmo que o grande poeta estava muito espiritualizado pelas provações de que se via acometido e talvez ali conosco fora do corpo físico, num fenômeno natural de desdobramento.

Segui o parecer muito justo do Dr. Raul Soares e tomei o lápis... Jésus inclinou-se sobre o meu braço e escreveu em lágrimas os versos que ele recitara para mim, antes, em voz alta, os dois primeiros sonetos que recebi dele e que constam do seu livro intitulado "Flores de Outono", versos esses que peço licença para ler, de modo que fique uma inolvidável recordação do nosso amado amigo, hoje na Vida Espiritual.

PALAVRAS DO COMPANHEIRO
(AOS MEUS IRMÃO DE PIRAPITINGUI)

I

Irmãos, cheguei contente ao Novo Dia

*E ainda em pleno assombro de estrangeiro
Jubiloso, saltei de meu veleiro
No porto da Verdade e da Harmonia.*

*Bendizej, com Jesus, a dor sombria
Na romagem de pranto e cativoiro,
Nele achareis o Doce Companheiro
Para as rudes tormentas da agonia...*

*Não desdenheis a chaga que depura,
Nossas horas de amargas desventura
São dádivas da Lei que nos governa!...*

*As escuras feridas torturantes
São adornos nas vestes deslumbrantes
Que envergamos ao sol da Vida Eterna!*

II

*Ave, maravilhosa madrugada
Que desdobra a luz no céu aberto
Além da trevas, longe do deserto
Onde a esperança geme incontentada!*

*Salve, resplandecente e excelsa estrada
Sobre o mundo brumoso, estranho e incerto
Que acolhe, em paz, o espírito liberto
Na vastidão da abóbada estrelada!*

*Oh! Meu Jesus, que fiz na noite densa,
Por merecer tamanha recompensa
Se confundido e fraco me demoro?!*

*Recebe, ante a visão do Espaço Eleito,
A alegria que vaza de meu peito
Nas venturosas lágrimas que choro...*

Quando a pequena reunião terminou, a emoção não me permitiu a leitura. Dr. R. vivamente sensibilizado, leu os versos e, no dia seguinte, seguiu com o Sr. Francisco de Paula levando a mensagem para a cidade de Pirapitingui, de onde me escreveu, imediatamente, com que Jésus havia desencarnado alguns dias antes de nossas preces.

* * *

Relata-nos Clóvis Tavares em sua obra "Trinta Anos com Chico Xavier", Ed. Casa do Livro, em julho de 1948 estavam em Pedro Leopoldo ele, Jaques Aboab e Chico Xavier reunidos quando se apresenta Jésus Gonçalves para dar uma comunicação. Prontamente, Chico Xavier, em disposição e o apóstolo de Pirapitingui, o "Poeta das Chagas Redentoras" dita mediunicalmente belos sonetos, comparando encarnações suas e correlacionando-as à Lei de Ação e Reação. Transcrevemos:

ANTES JESUS

I

Inda vejo, Senhor, de alma oprimida,

*A Trácia devastada, a ânsia de Atenas,
Constantinopla em lágrimas e penas
E Roma flagelada e envilecida...*

*Vejo a conquistadora e horrenda lida,
O gozo, o saque e a morte, em velhas cenas,
E o fausto senhoril que trouxe apenas
Desilusão e horror à nossa vida.*

*E ouço-te a voz, Jesus, dizendo – Basta!
De um rei fizeste um verme que se arrasta
E abriste-me o caminho da aflição!...*

*Anos correram como sombras vagas,
Mas depois de vestir-me em lepra e chagas,
Achei-te, Excelso, no meu coração!*

II

*Hoje, Senhor, não peço o vão tributo
Das multidões famélicas, vencidas,
Que humilhei, no transcurso de outras vidas,
Semeando miséria, pranto e luto...*

*Das rosas que me deste por feridas
Recolhi muita graça e muito fruto.
Passageiras vitórias não disputo,
Nem procuro vanglórias esquecidas.*

*Perdoa-me, Senhor, se agora venho,
Recordando-Te as úlceras no Lenho,
Rogar-Te algo das bênçãos que entesouras!*

*E que eu possa, feliz com o dom divino,
Socorrer os irmãos do meu destino
No turbilhão das chagas redentoras!*

Após a comunicação psicográfica, permaneceu ainda o Espírito de Jésus Go ambiente, discorrendo, pela psicofonia, mais detalhadamente sobre essas encarnações relatamos no início deste livro. Antes de se retirar, Jésus Gonçalves, alegremente, fez um pai as encarnações que teve:

*Alarico, o leproso.
Jésus, o rei.*

De fato, uma demonstração de que a pior doença é a do espírito! Ainda nessa noite, Jésus remete um bilhete par Clóvis Tavares e Jacques Aboab. Está assim escrito:

Meus amigos Clóvis e Jacques. Paz de Deus a nós todos.

Ajudem-me a consolar os irmãos hansenianos com a prece, com a lembrança com o reconforto da palavra escrita. São companheiros de batalha humana, que ainda sangra Jesus os recompense. Abraços do irmão, Jésus.

Em Campos, no Estado do Rio, Clóvis e Jacques fundaram a “Caixa Pró-Hansen Gonçalves” que funciona até os dias de hoje.

* * *

No entanto, o querido médium Chico Xavier continuou e continua sendo o v qual Jésus nos tem brindado com sua melhores produções poéticas.

Assim, em 22 de julho de 1949, novamente na presença de Clóvis Tavares grupo, o apóstolo de Pirapitingui retorna para nos trazer mais este belo soneto, "Cântico de (

*Graças à Dor, a estrada escura e incerta
Que eu trilhava na trilha transitória,
Transformou-se em beleza, sonho e gloria
No milagre de luz da chaga aberta.*

*Venturosa a oração triste e deserta,
Que alimentei na sombra merencória,
Guardando em mim a lodacenta escória
Que a lepra salvadora nos oferta...*

*O sofrimento que lacera e oprime,
Em toda a Terra é lâmpada sublime
Que de bênçãos e júbilos se veste.*

*Glória à Divina Dor que nos garante
A pureza da túnica brilhante
No banquete de amor do Lar Celeste.*

O volume "Instruções Psicofônicas", Ed. FEB , psicografado por Chico Xavier, suas páginas algumas referências sobre o estado desesperador em que se encontra hansenianos já desencarnados, que fraquejaram sob o peso "da doença benfazeja". Em virt esclarecimento do Alto, o Grupo Meimei reuniu-se de 7 de abril de 1955 para entrar em cont irmãos sofredores na Espiritualidade.

Diversos médiuns serviram de veículo para que os hansenianos pudessem beber dos ensinamentos evangélicos, o alívio de que necessitavam.

Jésus Gonçalves, que se fazia acompanhar do grupo, ao encerramento dos trat breves considerações a respeito desses irmãos ainda perdidos nas nuvens espessas da r seguida, agradece o auxílio fraterno dos presentes e, sintonizado com as mais Altas Esferas l mareja os olhos do médium ao recitar o poema-oração "Prece do Leproso Diante da Cruz":

I

*Senhor, eu que vivia em vãos clamores,
Vinha de longe em ânsias aguerridas,
Sob a trama infernal de horrendas lidas,
Entre largos caminhos tentadores.*

*Tronos, glórias, tiaras, esplendores
E cidades famélicas vencidas...
Tudo isso alcancei, de mãos erguidas
Aos gênios tenebrosos e opressores.*

*Mas, fatigado enfim, de ser verdugo,
Roguei, chorando, a graça de teu jugo
E enviastes-me a lepra e a solidão.*

E, confinado às dores que me deste,

*Abriu-se-me a visão à luz celeste,
E achei-te, excelso, no meu coração.*

II

*Hoje, Mestre, ante a cruz em que te apagas,
Na compaixão, que ajuda e renuncia,
Não te peço o banquete da alegria,
Embora o doce olhar com que me afagas.*

*Venho rogar-te a túnica das chagas
Para que eu volte à estrada escura e fria,
Em que os filhos da noite e da agonia
Sofrem ulcerações, bramindo pragas...*

*Dá-me, de novo, a lepra que redime,
Conservando-me a fé por dom sublime,
Agora que, contente, me prosterno!...*

*E que eu possa exaltar, por muitas vidas,
Sobre o lenho de angústias e feridas,
O teu reino de amor divino e eterno.*

* * *

Em data que não conseguimos precisar exatamente, talvez pelos idos de 1950, Machado, que não tivera oportunidade de conhecer Jésus em vida, recebeu um poema deste, através do estimado mediano Chico Xavier:

*Meu prezado irmão Leopoldo,
Não se canse de educar!
Bendito é o sementeiro,
Que saiu a semear!
Coração que ensina, amando,
É sábio que nunca erra.
A lepra da ignorância
É nódoa maior da Terra.*

Ao qual Leopoldo respondeu com este soneto:

*Se o sofrimento é lei, a Lei existe
Para ser respeitada e ser cumprida
E se é no sofrimento que consiste
A força de lutar, a lança em riste,*

*Há de levar percalços de vencida
E bendizer a dor, o doente e triste
A voz do Cristo, além do mais, convida
A todos nós às glórias da Outra Vida.*

*Infeliz quem padece? Na aparência!
O sofrimento é escola de paciência!
Caminho para o Céu, largo e seguro...*

*Bem haja o sofrimento mais pesado
Que apague nossos erros do passado
E nos prepare as glórias do futuro!*

* * *

O Espíritos”, de Kardec, na resposta à pergunta nº 171, assim se refere à reencarnação (frag doutrina da Reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o homem muitas sucessivas, é a única que corresponde à idéia da justiça de Deus, com respeito aos homens e moral inferior; a única que pode explicar o nosso futuro e fundamentar as nossas esperança oferece o meio de resgatarmos os nossos erros através de novas provas. A razão assim nos que os Espíritos ensinam.” Jésus novamente nos presenteou com o belo soneto “Ree ainda pelas mãos bondosas de Chico Xavier, na noite de 27 de fevereiro de 1960, em reunião Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, e que bem ilustra o texto de Kardec.

*Há séculos, num carro de esplendores,
Minha vida era a angústia de outras vidas,
Estrçalhava multidões vencidas,
Coroados de púrpura e de flores.*

*Depois... a morte, os longos amargores...
Depois ainda...a volta a novas vidas,
A solidão e os prantos redentores.*

*Volve do rei antigo um réu que espanta,
E o Senhor concedeu-me a lepra santa
Para cobrir-me em chagas benfazejas!...*

*Mas, hoje, livre, enfim de toda algema
Posso saudar a dor justa e suprema:
- Emissária da luz, bendita sejas!...*

* * *

coluna dominical no “Diário de São Paulo”, o escritor e jornalista, Herculano Pires, muito comentou poesias e mensagens recebidas por Chico Xavier. Posteriormente, estes foram re preciosos volumes constantes na bibliografia espírita. “Na Era do Espírito” produzido em 19 seguintes comentários do Espírito de Jésus Gonçalves:

A ti, meu irmão, que assumiste comigo os pesados encargos da existência num de hansenianos, sem possibilidades trazer tanto quanto a mim, o medicamento salvador; a tiveste, qual me ocorreu, a consolação dos egressos; a ti que sofres entre a fé viva e inquietante, entre a tentação à revolta e a aceitação da prova, acreditando-te freqü esquecido pelas forças do céu, ofereço a lembrança fraternal destes versos.”

E continua sua comunicação com o soneto “Mensagem de Companheiro”:

*Não te admitas réu de afrontosa sentença,
Largado de hora em hora à sombra em que te esmagas,
Varando tanta vez, humilhações e pragas
À feição de calhaus da humana indiferença.*

*Crueldade, paixão, injúria, crime, ofensa
Criam-nos, um dia, a estamenha de chagas!...
No pretérito abriste o espinheiro em que vagas
E, embora a provação, trabalha, serve e pensa.*

*Ânsia, atribulação, abandono, amargura
São recursos da lei com que a lei nos depura*

O coração trancado em nódoas escondidas...

*Bendize, amado irmão, as feridas que levas,
A dor extingue o mal e pranto lava as trevas
Que trazemos em nós dos erros de outras vidas.*

Herculano Pires, que no periódico assina Irmão Saulo, dirige assim os seus comentários a respeito do Autor mediúnico e da doença de Hansen:

Jésus Gonçalves utiliza como essas: "túnica de chagas" e estamenha de ch figurar a condição em que viveu no final da última existência terrena. A túnica estamenha tecido de lã, era vestimenta comum na Judéia do tempo de Jesus. Evidente o simbolismo poé expressões. Os judeus vestiam-se de estamenha, enquanto os ricos usavam túnicas reful mais finos tecidos. Mas na vida espiritual, essa situação se invertia, como vemos na parábola de Lázaro e o Rico. No soneto de Jésus Gonçalves, vemos o mesmo processo. A estamenha c tecido no passado da própria criatura pela sua crueldade e a sua arrogância. No tear do dest da loucura humana s]ao tecidos pelas nossas ações. E aqui o que tecemos é precisamente o vestir em próxima existência. Ninguém, portanto está sujeito na Terra a uma "afrontosa mas apenas submetido às conseqüências de seu próprio comportamento em vida anterior. segundo as suas obras, porque somente assim, aprenderemos a vencer o mal, a supe tendências inferiores, nosso egoísmo criminoso. Os "recursos da lei" não representam c implacável, mas corrigenda necessária. Por isso escrevia Leon Denis": "A dor é lei de educação. Mas nem por isso devemos pensar que os sofredores não devem ser socorridos. da caridade nos obriga a ajudar os que sofrem."

É o que ensina o item 27 do capítulo V de "O Evangelho Segundo o Espiritismo". que "a dor extingue o mal e o pranto lava as trevas, mas a indiferença ante a dor e o pranto é também um mal que pode e deve ser extinto pela caridade, socorrendo os que sofrem tecendo, no tear do nosso destino, os fios da sensatez e da bondade que nos preparam a um luz para o futuro.

* * *

Em 15 de fevereiro de 1949, Jésus Gonçalves, também pela mediunidade de Cl envia a seguinte mensagem a Julinha Thekla Kohleisen, uma das almas caridosas que o havia construído o Centro Espírita Santo Agostinho:

*Julinha, minha companheira de jornada evangélica, que o Mestre te ilumine cada Quero agradecer-te a visita fraternal que fizeste lá no nosso Centro em aproveitando tal ensejo, minha amiga, deixar-te expressa toda a minha gratidão por tudo feito para aqueles nossos irmãozinhos. Eles merecem, realmente, o apoio de todos o dedicados ao bem. Para os doentes de Pirapitingui todos devem olhar com respeito e te. fraternidade e humildade, partilhando com tais sofredores o percurso de suas jornada na dolorosa em que se encontram. São os grandes orgulhosos do passado em resgates nobilitad. Trabalhar, pois, para tais instituições é dever das almas alcandoradas como a tu. Deixo-te o meu abraço muito amigo.
Do teu*

Jésus

E pouco depois, a alma poética de Jésus dirige-lhe mais conselhos para o cotidia

RECORDAÇÃO PATERNA

(À radiosa espiritualidade de Júlia Thekla Kohleisen)

Minha Filha Querida, continua
Lavrando o chão de nossas velhas dores
Suportando os espinhos redentores
Entre o pranto e o cansaço da charrua...

Guarda contigo a Fé que não recua

E esquecendo tormentos e amargores
Inflama o teu caminho em esplendores
Na pobreza da terra ingrata e nua.

Planta Lírios e Rosas sobre a lama
Do carvão triste e seco nasce a chama
Que alenta e aquece a Vida transitória.

Louva com Cristo a Luta em que te esmagas
Nossas cruces de angústias, sombra e chagas
São roteiros de Luz da eterna Glória.

(Soneto inédito em livro, psicografado por
Francisco Cândido Xavier)

APÊNDICES

*"O fardo é proporcionado às forças, como a recompensa o será à resignação e a coragem"
" O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec, Cap. V, item 18.*

O ENFOQUE ESPIRITA À MOLÉSTIA DE HANSEN

No que diz respeito à abordagem médica e também materialista da questão, gostaríamos de traçar um paralelo com um dos princípios básicos da Doutrina Espírita, que é a Lei de Causa e Efeito, que todos estamos subordinados. Através dela, o indivíduo assume débitos e créditos múltiplas existências terrestres. Isto faz com que receba um corpo consoante seus atos das vidas anteriores. Portanto, o chamado fator imunológico do organismo pela Medicina, tem estreita relação com as formações perispiríticas do indivíduo. Mas vejamos como o André Luiz enfoca a questão:

Sob o mesmo princípio de relatividade, a funcionar, inequívoco, entre a doença e a cura, a incursão da tuberculose e da lepra, da brucelose e da amebíase, da endocardite bacteriana, da cardiopatia chagásica, e de muitas outras enfermidades, sem nos determos na discriminação dos processos morbosos, cuja relação nos levaria a longo estudo técnico. É que geralmente, que eles surgem como fenômenos secundários sobre as zonas de predisposição enfermígena, que em nosso próprio corpo, pelo desequilíbrio de nossas forças mentais, a gerarem rutura ou ruptura na continuidade nos pontos de interação entre o corpo espiritual e o veículo físico, pelas quais é possível o assalto microbiano a que sejamos particularmente inclinados pela natureza de nossas contas.

De onde vem como vem? Por que vem? Por que se contagiam umas pessoas e outras não? Estas são dúvidas, só parcial e recentemente a Medicina procura aclarar. No entanto, as Doutrinas Espíritas, tão antigas quanto a própria Humanidade, já lançaram luz sobre vários problemas em que, muitos se negam a acreditar. Todavia, permanece a Justiça Divina em suas origens.

O espírita conhece a utilidade do sofrimento: sabe que é um mal apenas na medida em que sendo um fator de equilíbrio e reajustamento, o qual encerra, em sua natureza íntima, reação de um Deus soberanamente justo e bom. Ademais, apresentando-se a liberdade com o bem, estabelece a Lei de causalidade como inviolável, e por isso, se existem céu e o inferno, estes existem e morrem dentro de nós. Querer ignorar os progressos da Medicina em relação ao mal é querer distanciar-se do problema; dar continuidade às atitudes estigmatizantes, com relação aos portadores, é falta de caridade cristã, além de ser pré-julgamento sem conhecimento de causa. Aliando a razão ao bom senso optamos pela militância nas fileiras do Espiritismo, conscientizamos de que o estudo da Doutrina Consoladora ilumina nossos caminhos, numa perspectiva de que todos os males radicados no Planeta – e que proliferam em seus quatro cantos, provenientes das transgressões à Lei de Deus, perpetradas por nós mesmos.

Com efeito, deste esclarecimento podemos deduzir que a intensidade dos delitos cometidos em nossas diversas encarnações se refletirá em nossa existência presente. Isto, na proporção de quanto Resgate a que seremos submetidos.

A História Universal nos relata episódios aviltantes praticados pelos homens. No Cristianismo, os circos romanos se transformaram em palcos, onde se sucediam a selva cristãos ora iam transformados em tochas humanas para diversão e prazer dos altos mandos do império. Por outro lado, grandes guerras devastaram a Humanidade, fazendo-a enfrentar todas as perversidades cometidas a maior parte das vezes por orgulho. A Inquisição tornou-se um elemento sombrio na História da Igreja, e, o amor, pregado pelo Grande Mestre, se esvaía nos gestos torpes, na realidade mais cruel. Hoje, quando nos deparamos com irmãos passando por diferentes provas, e dentre elas, a "Hanseníase", peçamos que eles percorram esta via com resignação, porque, curvar-se com humildade à Lei do Alto significa encontrar o caminho que aponta para onde serão quitadas as dívidas de pretéritos delituosos.

Não nos preocupemos com os problemas do contágio, pois conforme o exemplo de Cristo, que pernoitou muitas vezes em casa de Simão, o Leproso, já tivemos prova de que o Espírito faz morada no corpo, mas no espírito. Recordemos ainda, que o Divino Mestre nos preveniu com a frase: *"Pai não colocaria fardos pesados em ombros frágeis"*. Sendo Deus Sabedoria, Justiça e Amor em sua plenitude, jamais determinaria uma prova pesada a quem não estivesse preparado para ela, pois força da dívida equivale à dimensão espiritual do Ser. Recordemos ainda, que a vida em condições, se apresenta como salutar remédio; seja ela física ou moral, é sempre um fator de regeneração para o espírito endividado.

VOCÊ EM MEDO DA LEPROA?

De que "lepra" você tem medo? Da "lepra" ou da hanseníase? Você sabe o que é hanseníase? Não pois nós lhe explicaremos a seguir.

Denomina-se hanseníase uma moléstia provocada por uma bactéria álcool-ácido de baixa patogenicidade, semelhante àquela causadora da tuberculose. Caracteriza-se por manchas ou áreas anestésicas e anidróicas no seu início. Depois de um período de incubação que varia de 2 a 5 anos, mas com extremos de 6 meses até 20 anos, essas lesões evoluem para formas chamadas pólos tuberculóide e virchoviano.

No pólo tuberculóide não se notam praticamente bacilos e apenas o segundo é considerado bacilífero e, portanto, contagioso.

Causada pelo bacilo de Hansen, a hanseníase atinge principalmente a pele, as mucosas do nariz e a garganta.

O contágio se dá por contato íntimo e prolongado do doente bacilífero com os contatados (pessoas que moram com ele na mesma casa ou quarto durante anos) mas, mesmo assim, que esses conviventes sejam predispostos, ou seja, não possuam anti-corpos que os protejam da doença. Por isso, a transmissão da hanseníase é extremamente difícil, ao contrário do que se costuma dizer comumente.

Para ambos os pólos da doença até 1943, data em que começaram a ser empregadas com sucesso as sulfonas no tratamento da moléstia, usava-se o óleo de uma planta denominada "chalmogra" e seus derivados. Com o advento da sulfona e outros medicamentos para o tratamento da hanseníase passou a ser encarada sob novas perspectivas e a maior luta desde então tem sido o esclarecimento da sociedade quanto aos aspectos psicossociais que seu estigma milenar impõe aos seus portadores. Sim, pois, se já se conhece sua cura, sabe-se que é dificilmente transmissível e que seus portadores ainda continuam sendo expulsos das cidades, aposentados compulsoriamente e desprezados pela família e pela sociedade?

É porque, se a ciência já venceu a hanseníase, a sociedade ainda não venceu a hanseníase, esta muito mais perigosa, maligna e infamante que a doença física.

"Leproso", por sinal, é um termo que deixou de ser usado a partir de 1967, quarenta e duas décadas de tentativas de esclarecimento público, a Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo adotou os neologismos "hanseníase", "doença de Hansen", etc., oficializados alguns anos depois. A nova terminologia, desde então, tem sido aceita por governos estaduais, escolas, congressos científicos e médicos no Brasil, Argentina, EUA, Portugal, Espanha e outros países.

Porém, pouco tem adiantado essa pregação – admite o Prof. Abraão Rotberg, da Organização Mundial de Saúde e especialista em Hansenologia – *"porque se luta contra a doença através de meios de comunicação, a literatura, o cinema e a própria Bíblia, que dá o nome de "lepra" a manchas que surgem nas pedras"*. Segundo o Dr. Rotberg, até a literatura infantil está influenciada pelo grande e terrível mal. *"Super homem vence a tudo e a todos, mas a única coisa que o impede de vencer é a determinação estória é a kriptolepra!"*

Este estigma, que acompanha o "leproso" há séculos, adquirindo conotações confundem com algo "repelente", "mau caráter", "sujo", estimula muitos doentes de Hansen a procurarem o devido tratamento médico, pois a reação da maioria é procurar viver no anonimato quando a doença evoluir, pelo medo de serem agraciados com a medalha "leprosa". Neste caso, ai sim, a doença evolui para quadros contagiantes e algumas vezes irreversíveis.

Não raras vezes, o medo de enfrentar a sociedade leva o doente ao suicídio. *Mas do que este doente tem medo?* Tem medo de ser chamado de "leproso" e "leproso" é sinônimo de "vício", "repulsa", "castigo de Deus", "sujeira" e tantos outros epônimos inaceitáveis e infames.

Quando foi interrompida a internação compulsória dos doentes de Hansen, cinco tiveram alta dos asilos-colônias, porém, apenas 1.400 deixaram os antigos "leprocômios" voltaram – porque estavam vitimados pela "atrofia social" depois de tantos anos de confinamento muitos não tinham para onde ir, outros eram recusados pelas famílias; enquanto a maioria tinha consciência do que aguardava no mundo dos "sadios": escárnio, desprezo e humilhação.

Muitas vezes jornais, inconscientes do mal que estão fazendo, abrem suas manchetes com títulos como: "leprosos invadem a cidade", querendo se referir a indivíduos imundos que estão na cidade, ou a assassinos, ladrões, etc., ou então, ouvimos dizer que "hippies espalham lepra" pode querer dizer que esses indivíduos estão disseminando vícios, maus costumes, etc. Também pode ser usada significando doença ou qualquer alteração grave na saúde. Então, lê-se no livro "caíram os dedos do indivíduo com lepra", porém, o que realmente se quis dizer é que o indivíduo era portador de uma alteração vascular que levou à necrose de suas extremidades. Qualquer situação qualquer. No caso, por exemplo, do "Alejandrinho", famoso artista mineiro, a "lepra" que atacou e lhe provocou deformidades foi considerada por alguns autores como sendo "psoríase", "sífilis", por outros "hanseníase", sem se chegar a uma tomada de posição conclusiva.

"Lepra" pode, inclusive, significar muitas doenças. Quem acaso já não ouviu falar de fulano de tal é um "leproso político"? Acaso não poderia ser chamado de "tuberculoso político", não, foi chamado de "leproso político". E quantas vezes, também, não ouvimos falar em "lepra do espírito", "lepra da comunidade", "sedutor leproso"?

Até as doenças podem "sofrer" de "lepra". A sífilis, por exemplo que hoje tem tratamento eficaz e rápido, continua aumentando seus índices de morbidade em todo o mundo devido agravantes como a auto-medicação, a prostituição e a dissolução dos costumes, que constituem a "lepra".

A hanseníase também pode ter "lepra". Sim, pois a "lepra" na hanseníase se manifesta devido à falta de diagnóstico precoce causado pela falta de preparo de alguns esculápios e pelo não tratamento de casos avançados e com extensas mutilações que poderiam ser evitados, mas que permanecem, quando existem meios para corrigi-los, além disso, uma gama enorme de conceitos errôneos, os citados aqui, a respeito da hanseníase, imperam entre o público leigo e até entre os médicos.

O desumano isolamento compulsório nos temidos "leprosários" acabou sendo substituído por ter piorado o problema psicossocial do doente e favorecido a ampliação da endemia, hoje, ficar acometido do mal de Hansen é adquirir uma carga de desgraça em termos de condições de vida, preferível, portanto, silenciar, que ser jogado ao vale do isolamento. Porém, mesmo o doente informado quanto à sua doença. Ele precisa se esclarecer – tanto quanto a sociedade – sobre o tratamento, pode e deve levar uma vida normal: freqüentar escolas, trabalhar, ir ao cinema, principalmente, continuar vivendo junto dos seus.

Se, apesar de que, estar "doente" já represente uma anormalidade, o doente precisa entender que ele tem hanseníase, mas é um indivíduo normal, assim como se fosse portador de reumatismo, alergia ou enxaqueca.

Pelos motivos expostos é que hoje se sabe que, no Brasil, a população de hansenianos atinge a meio milhão; e, cerca de 2/3 desse número com algum tipo de incapacidade. Portanto, o apelo que fazemos em coro com as autoridades, pedindo a todos que suspeitem de portadores ou souberem de algum portador da moléstia, que não tema a hanseníase para que não se espalhe mais...

(Transcrito de "O Caravaneiro" nº 1, de novembro/dezembro de 1979.)

FICHA MÉDICA DE JÉSUS GONÇALVES NO ASILO-COLONIA DE AYMORÉS.

Serviço Sanitário do Estado de São Paulo

Inspetoria de Profilaxia da Lepra

Data: 16/09/1933
Nome: Jesus Gonçalves
Nacionalidade: Brasileira
Natural: Agudos
Cor: Branca
Estado Civil: Viúvo
Onde se manifestou a moléstia: Bauru
Profissão: Guarda-Livros
Local onde trabalhava: Bauru
Data do aparecimento da moléstia: 4 anos
Idade que se manifestou: 27 anos

Anamnese familiar em relação ao pai: João Gonçalves, falecido em Borebi há 16 anos nem tinha parentes doentes de lepra. Josepha Mendes, falecida em Borebi há 28 anos. Não tinha parentes doentes de lepra. Luiza Trindade, 42 anos, viúva, residente em Bauru (tia Trindade, 38 anos, casada, residente em Promissão (irmã por parte de mãe)

Filhos:

Jaime, 11 anos, suspeito

Jandira, 9 anos

Helena, 7 anos

Carlos, 5 anos

Comunicantes residentes em Bauru:

Em relação à esposa:

Theodomira de Oliveira Gonçalves há 3 anos, não era nem tinha parentes doentes de lepra

Estória mórbida do doente:

Data, qualidade, localização dos primeiros sintomas: parestesias, nevralgias, dores reumáticas, surtos febris, apertexis, quedas dos supercílios, perturbações da sensibilidade, espessamento da mácula, bolhas, nódulos, ulcerações, atrofia, mal-perfurante, etc.

Processo subsequente à moléstia:

Início de pequenas manchas no braço direito e pequeno tubérculo nas orelhas.

Exame clínico:

Faces: primitivo

Estado Geral: bom

Perturbações da sensibilidade: sim

Alterações do sistema muscular: não

Alterações do sistema ganglionar: sim

Lesões atuais e localizações:

Face: infiltrações

Fonte: sim

Pequenos tubérculos: sim

Nariz: sim

Sobrancelhas: ligeiramente com tubérculos

Orelhas: infiltrações, pequenos tubérculos

Pescoço: idem

Tórax: não

Lesões oculares: não

Braços: ligeiras infiltrações

Cotovelos: cicatriz da úlcera

Antebraço: ligeiras infiltrações

Punhos: idem, idem.

Mãos: infiltrações

Nádegas: idem

Coxas: idem
 Joelhos: idem
 Pernas: idem
 Pés: cicatrizes

Formas clínicas:

Latente: não
 Nervosa: pura, não
 Macro-anestésica: não
 Tuberosa: não
 Mixta: sim
 Classificação da Congregação Manila: não
 Exames de laboratórios: nada
 Reações sorológicas: não
 Domicílio onde se acha isolado: nada
 Histopatológico: nada
 Médico assistente particular: nenhum
 Hospital onde se acha isolado: Asilo-Colônia Aymorés desde 26 de agosto de 1933.

Médico – Dr. Murillo
 Prontuário nº da matrícula: 223
 Data da internação: 26 de agosto de 1933.

APOLOGIA DO ASILO-COLÔNIA AYMORÉS

O então "Asylo-Colônia Aymorés", hoje "Hospital Lauro de Souza Lima" instalada na rodovia Ipaucu-Jau, numa área de 32,6 alqueires, recebe do periódico interno "O Aymorés" datado de 13 de abril de 1936 e tendo como redator Jésus Gonçalves, a seguinte apologia:

"Datam de novembro de 1925 os primeiros lampejos no sentimentalismo humano em favor da grande obra de assistência aos hansenianos. Em março de 1926, Jorge de Castro, pelas páginas do *Diário da Noroeste*, dá a idéias de se reunirem em Congresso Regional todos os municípios do Noroeste.

O Dr. Rodrigo Romeiro, abraçando a idéia, tornou-se o patrono da causa, fazendo em 1927, em Bauru, o grande Congresso que teve o comparecimento da unanimidade das Prefeituras do Estado.

Foi, sem dúvida, o primeiro trabalho desse gênero realizado no Brasil, o qual foi decisivo, para um plano geral de combate à hanseníase (lepra) no Estado de São Paulo. Foi pois, a Bauru, a glória de feliz iniciativa de solidariedade humana.

O Congresso foi presidido pelo Dr. Fábio Barreto, então Secretário do Interior. Em consequência das deliberações os Srs. Waldomiro de Oliveira, Diretor Geral do Serviço Sanitário da Prefeitura de Bauru e João Aguiar Pupo, então Inspetor-chefe da Inspetoria da Profilaxia da Lepra. Uma comissão presidida pelo juiz Dr. Rodrigo Romeiro, iniciou as obras de construção, em 1928, de vários pavilhões. O afastamento do Dr. Rodrigo Romeiro em 1930, foram as obras entregues à Liga de São Paulo. A fundação do Asilo em Bauru, fundada em 23 de março de 1930, tendo, em 1931, a seguinte diretoria: Presidente, Dr. Manoel Power, Conselho Deliberativo Dr. Cândido da Cunha Cintra, Juiz de Direito; Presidente da Diretoria, Dr. Manoel Power; Secretário, Dr. Manoel Power; Vice-Presidente, Prof. José Guedes de Azevedo; 1.º Secretário, Dr. Manoel Power; 2.º Secretário, Joaquim Bueno Siqueira; 1.º Tesoureiro, Bento de Souza; 2.º Tesoureiro, Dr. Manoel Fraga; tendo se destacado na lista honrosa de benfeitores, Helena Graizer, Da. Prosperina de Queiroz, Da. Albertina Lopes Abelha, o Sr. Salvador Filho Maragliano Jr. E o Sr. Paulino Raphael.

Em 1932, a Inspetoria da Lepra tomou a si o encargo de ultimar os serviços necessários, conseqüentemente, a responsabilidade do leprosário.

Já por esses tempos, se achava à frente do grande problema paulista, o grande idealista Francisco de Salles Gomes Júnior que inaugurou o Asilo em 1933.

No dia 13 de abril de 1933, abriam-se as portas de dois pavilhões para receberem os primeiros doentes, em número de 10, e nunca mais se fecharam, dando passagem à grande caravana de peregrinos, que aportavam de todas as partes em busca de um abrigo, em busca de um e

para suas ruínas, em busca de um leito para o descanso de seus corpos alquebrados e caminhadas.

Inaugurou-se Asylo, com a entrada de 10 pessoas. Mas já em 31 de dezembro do mesmo ano o registro estatístico acusava o nº de 307 habitantes. Em 1934, os algarismos subiram para a soma de 442, para subirem mais, com a soma de 579, em 1935.

Os internados do Asylo fundaram e dirigiram a Caixa Beneficente destinada ao doente, proporcionando-lhes conforto moral e físico. A Caixa Beneficente constituirá um ponto de concentração, reunindo os frutos da caridade, para em seguida distribuí-los entre os necessitados.

CRONOLOGIA

- 17/07/1902 – Reencarna no pequeno vilarejo de Borebi, São Paulo, o cidadão Jésus Gonçalves.
- 1905 – Falece em Borebi, Josepha Mendes, mãe de Jésus Gonçalves, vítima de tumor maligno no intestino.
- 1912 – Data da única doença de Jésus Gonçalves, na infância: sarampo.
- 1916 – Transferem-se de Agudos, São Paulo, para Borebi, Antonio Arruda, sua esposa Luiza Trindade, /Francisco e Antônio Fráguas (filhos do casal) e Jésus Gonçalves, sobrinho de D. Luiza e tutelado do casal.
- 1916 – Primeiro emprego de Jésus Gonçalves, na Fazenda Boa Vista, em Borebi de propriedade de Ângelo Pinheiro Machado, como auxiliar beneficiador de café e algodão.
- 1917 – Falece em Borebi, João Gonçalves, pai de Jésus Gonçalves, vítima de um ataque cardíaco.
- 1919 – Transfere-se Jésus Gonçalves, de Borebi, sub-distrito de Lençóis Paulista para a cidade de Bauru, São Paulo.
- 1919 – Segundo emprego de Jésus Gonçalves, em Bauru, na Prefeitura Municipal. Integra-se, nessa época, na Banda da Prefeitura da cidade.
- 1920 – Contrai núpcias, Jésus Gonçalves, com Theodomira de Oliveira. Ela viúva com duas filhas, Neréia e Lígia.
- 08/03/1922 – Nasce em Bauru, Jaime Gonçalves, primogênito de Jésus Gonçalves.
- 22/05/1924 – Nasce Jandira Gonçalves, segunda filha de Jésus Gonçalves, com Theodomira de Oliveira em Bauru.
- 30/03/1926 – Nasce também em Bauru, Helena Gonçalves, terceira filha de Jésus Gonçalves.
- 15/08/1929 – Nasce Carlos Gonçalves, quarto filho de Jésus Gonçalves, em Bauru.
- 1930 – Jésus Gonçalves sabe-se portador do mal de Hansen.
- 1930 – Falece em Itapetininga, São Paulo, a primeira esposa de Jésus Gonçalves Theodomira de Oliveira, vítima da tuberculose.
- 1932 – Jésus Gonçalves une-se maritalmente, a Anita Vilela, em Bauru.
- 16/08/1933 – Interna-se no Asilo-Colônia Aymorés, Bauru, o cidadão Jésus Gonçalves, portador do mal de Hansen. No mesmo ano, seu filho Jaime, também suspeito de ser portador da moléstia, é ali internado.
- 27/02/1937 – Passa a circular no asilo-Colônia de Aymorés o jornal interno “O Momento”, fundado por Jésus Gonçalves. Este desejava que, com o tempo, o jornal pudesse expandir-se até outros Sanatórios.
- 21/09/1937 – Transferem-se para o Hospital de Pirapitingui os internos do Asilo Aymorés, Jésus e Jaime Gonçalves, e Anita Vilela; esta não era portadora da moléstia de Hansen.
- 03/03/1943 – Falece no Hospital-Colônia de Pirapitingui Anita Vilela, segunda companheira de Jésus Gonçalves, vítima de câncer no útero.
- 1943 – Consorciam-se em Pirapitingui, os internos Jésus Gonçalves e Isabel Laureano (Ninita), sendo os dois viúvos.
- 16/12/1945 – Funda-se no Hospital-Colônia de Pirapitingui a “Sociedade Espírita Santo

Agostinho", que teve como seu primeiro presidente e idealizador Jésus Gonçalves, que conseguiu reunir trinta mil, seiscentos e vinte e sei cruzeiros e dez centavos, para a realização desse projeto.

13/01/1947 - Pedro de Camargo (Vinicius) prefacia a primeira edição do livro "flores de outono", de autoria de Jésus Gonçalves.

16/02/1947 - Aproximadamente às 11 horas da manhã, regressa à Pátria Espiritual Jé Gonçalves, o Apóstolo de Pirapitingui.